

Coleção

TEATRO HOJE

Volume 24

Chico Buarque

e

Ruy Guerra

Calabar

O Elogio da Traição

Letras de Chico Buarque e Ruy Guerra
Música de Chico Buarque

8.^a edição



civilização
brasileira

Copyright © 1973 by Chico Buarque e Ruy Guerra

Desenho de capa: REGINA VATER

(utilizado por gentileza da CBD PHONOGRAM)

Montagem da capa: DOUNÊ

É proibida qualquer representação desta peça em teatro, rádio, televisão, ou sua reprodução total ou parcial por quaisquer meios eletrônicos ou mecânicos, sem o consentimento por escrito dos autores.

Direitos desta edição reservados pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua da Lapa 120 12º andar

RIO DE JANEIRO - RJ

1973
1975

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

C A L A B A R

<i>Produção</i>	— Fernando Torres Diversões
<i>Direção</i>	— Fernando Peixoto
<i>Diretores assistentes</i>	— Mário Masetti e Zdenek Hampl
<i>Direção de produção</i>	— Cacá Teixeira
<i>Assistente de produção</i>	— Renato Laforet e Leda Borges
<i>Direção musical</i>	— Dori Caymmi
<i>Orquestração</i>	— Edu Lobo
<i>Coreografia</i>	— Zdenek Hampl
<i>Cenários</i>	— Hélio Eichbauer
<i>Figurinos</i>	— Rosa Magalhães e Hélio Eichbauer
<i>Iluminação</i>	— Antônio Pedro
<i>Sonoplastia</i>	— M. S. 2001
<i>Divulgação</i>	— Leda Borges
<i>Elenco</i>	— Tete Medina, Betty Faria, Hélio Ari, Antônio Ganzarolli, Lutero Luís, Flávio São-Tiago, Perfeito Fortuna, Deoclides Gouvêa, Odilon Wagner e mais: Ana Maria Viana, Ângelo de Marcus, Antonio Pompeu, Anselmo di Vaconcelos, Belara Guidi, Carlos Alberto Santana, Dirce Morais, Dulcilene Morais, Imara dos Reis Ferreira, Ivens Godinho, José Roberto Mendes, Katia D'Ângelo, Lincoln dos Santos, Márcio Augusto, Maria Alves, Maria do Carmo, Nilton Brandão, Nina de Pádua, Octávio César, Paschoal Villaboim, Paulo Afonso Gregório, Paulo de Tarso, Paulo Terra, Suzanne Motta Jacob, Taise Costa, Thelmo Marques, Viliam, Wladimir Gonçalves. Músicos: Danilo Caymmi, Dori Caymmi, João Palma, Maurício Mendonça, Tenório Jr.

ABRE O PANO. ESCURIDÃO COMPLETA. SINI-
NHO DE SACRISTIA.

FREI (off) — *Agnus Dei qui tollit peccata mundi...*

MORADORES (off) — *Miserere nobis.*

FREI (off) — *Agnus Dei qui tollit peccata mundi...*

MORADORES (off) — *Miserere nobis.*

FREI (off) — *Agnus Dei qui tollit peccata mundi...*

MORADORES (OFF) CANTANDO COM ÓRGÃO O "MI-
SERERE NOBIS".

Miserere nobis

Miserere nobis

Miserê

Renó

Bis

Miserê

Renobis

Miserere nobis

LUZ EM CRESCENDO SOBRE MATHIAS DE ALBUQUERQUE QUE SE BARBEIA, UM ESCRIVÃO A SEUS PÉS. UM VULTO NUM INSTRUMENTO DE TORTURA. GEMIDOS E CORO DE MORADORES SERVEM DE FUNDO AO SERMÃO DO FREI.

FREI (*off*) — Era o Brasil antes da chegada dos holandeses a mais deliciosa, próspera, abundante, e não sei se me adiantarei muito, se disser a mais rica de quantas ultramarinhas o Reino de Portugal tem debaixo de sua coroa e cetro.

MATHIAS, ROSTO ENSABOADO, NAVALHA NA MÃO E BANDEIRA RUBRO-VERDE SERVINDO-LHE DE BASTÃO. UM VASSALO SEGURA UM ESPELHO QUE O REFLETE DE CORPO INTEIRO. MAIS ADIANTE O ESCRIVÃO, PENA DE PATO NA MÃO. NOUTRO CANTO, DOIS SOLDADOS APERTAM O GARROTE SOBRE UM PRISIONEIRO LOURO, QUE SOLTA UM GRITO LANÇINANTE. SOLDADOS ADORMECIDOS; FUZIS ENSARILHADOS; TUDO SUGERE UM ACAMPAMENTO MILITAR.

FREI (*off*) — ... O ouro e a prata era sem número e quase não se estimava; o açúcar tanto que não havia embarcações para o carregar.

MATHIAS (apontando a navalha para o escrevão) — Calabar...

FREI (*off*) — ... O fausto e aparato das casas era excessivo, porque por mui pobre e miserável se tinha o que não tinha seu serviço de prata...

MATHIAS — Não! (pausa) Capitão Domingos Fernandes Calabar (estala a língua). Ponha major.

ESCRIVÃO (anotando) — Major Calabar.

FREI (*off*) — ... As mulheres andavam tão louças e tão custosas que não se contentavam com os

tafetás, chamalotes, veludos e outras sedas, senão que arrojavam as finas telas e ricos bordados...

MATHIAS — Arraial do Bom Jesus. Ano da Graça de 1.635...

FREI (*off*) — ... e eram tantas as jóias com que se adornavam que pareciam chovidas em suas cabeças.

MATHIAS — Major Domingos Fernandes Calabar. Eu, Mathias de Albuquerque, Governador e Comandante Supremo das quatro capitânias nordestinas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, muitos avisos vos tenho feito que não vos fieis nesses malditos luteranos e calvinistas. E repito: é a última vez que vos escrevo! Prefiro não considerar a resposta negativa que me destes. E se voltardes aos serviços d'El Rey, honras e bens vos serão devolvidos, pecados e dívidas vos serão perdoados. (encara o torturado como se se dirigisse a Calabar). Tendes a minha palavra.

FREI (*off*) — ... Tudo eram delícias...

MATHIAS — Porque é que ele foi para lá?

FREI (*off*) — ... e não parecia esta terra senão um retrato do terreal paraíso.

MATHIAS — Por que é que foi para lá?

FREI (*off*) — Pérolas... rubis... esmeraldas... diamantes...

MATHIAS — Por que é que ele foi para lá? Era um mulato bonito, pelo ruivo, sarará. Guerreiro como ele não sei mais se haverá. Onde punha o olho punha a bala. Onde o manguete atola, o pé firmava. Bom de briga, de mosquete e de pistola,

Lia nas estrelas e no vento.
Tendo a mata no peito e o peito atento,
Sabia dos caminhos escondidos,
Só sabidos dos bichos desta terra
De nome esquisito de falar.
Eu lhe dei minha confiança
Em matéria de navios e de guerra.
E ainda me pergunto,
Sem resposta pra me dar,
Por que é que ele foi para lá?
Era um mameluco, louco, pelo brabo,
[pixaim.
Pra que falar dos seus dois metros de alto,
De seus olhos claros de assustar,
Capitão aqui, major passou no salto.
Levou o seu saber para os flamengos.
E nem sei se cobrou o que era de cobrar.
Eu lhe ofereci perdão em engenhos e
[patente
Se quisesse voltar.
E afoito o rebelde, em língua de serpente,
Mandou-me recusar,
Como um bicho esquisito destas terras
Que pensa dum jeito impossível de pensar.
Por que é que ele foi para lá?

CORTE BRUSCO NA MÚSICA RELIGIOSA. PRIMEIROS
ACORDES DOLOENTES PARA UMA NOVA CANÇÃO. LUZ
ISOLANDO A SILHUETA DE UMA MULHER, CUJOS
GESTOS SIMULAM O ATO DO AMOR.

FREI (off) — Neste tempo se meteu com os holandeses
um mancebo mestiço mui esforçado e atre-
vido chamado Calabar. E levou consigo
uma mameluca chamada Bárbara e andava
com ela amancebado.

PLENAMENTE ILUMINADA, BÁRBARA LEVANTA-SE E
VESTE-SE, CALMAMENTE, CANTANDO CALA A BOCA,
BÁRBARA.

BÁRBARA (cantando) — *Ele sabe dos caminhos*

*Dessa minha terra.
No meu corpo se escondeu,
Minhas matas percorreu,
Os meus rios,
Os meus braços.
Ele é o meu guerreiro
Nos colchões de terra.
Nas bandeiras, bons lençóis,
Nas trincheiras, quantos ais, ai.
Cala a boca,
Olha o fogo,
Cala a boca,
Olha a relva,
Cala a boca, Bárbara.
Cala a boca, Bárbara.
Cala a boca, Bárbara.
Cala a boca, Bárbara.
Ele sabe dos segredos
Que ninguém ensina:
Onde eu guardo o meu prazer,
Em que pântanos beber,
As vazantes,
As correntes.
Nos colchões de ferro
Ele é o meu parceiro,
Nas campanhas, nos currais,
Nas entranhas, quantos ais, ai.
Cala a boca,
Olha a noite,
Cala a boca,
Olha o frio.
Cala a boca, Bárbara.
Cala a boca, Bárbara.
Cala a boca, Bárbara.
Cala a boca, Bárbara.*

TERMINADA A CANÇÃO, BÁRBARA ENCARA O PÚBLICO.

BÁRBARA — Se fazeis questão de saber porque motivo me
agrada aparecer diante de vós com uma rou-

pa tão extravagante, eu vo-lo direi em seguida, se tiverdes a gentileza de me prestar atenção. Não a atenção que costumais prestar aos oradores sacros. Mas a que prestais aos charlatães, aos intrujões e aos bobos da rua.

UM BANQUETE COM VINHOS, MANJARES DE HOLANDA E ANNA DE AMSTERDAM SOBRE A MESA SEM TOALHA. O BANQUETE CONSTITUI-SE NUMA ORGIA MUDA, DURANTE A FALA DO REI.

FREI — Entrou nesta terra o pecado, foram os moradores dela esquecendo-se de Deus e deram entrada aos vícios e sucedeu-lhes o mesmo que aos que viveram no tempo de Noé, que os afogaram as águas do universal dilúvio, e como a Sodoma e Gomorra, que foram abrasadas com fogo dos céus.

EXPLODE UM BARULHO BACANALESICO, NO QUAL SE SOBRESSAI UMA ESTRIDENTE GARGALHADA DE ANNA DE AMSTERDAM. NA CABECEIRA DA MESA DESPONTA A FIGURA DO CHEFE HOLANDÊS.

HOLANDÊS — Ave, Frei Manoel do Salvador. Eu lhe agradeço a presença nesta mesa, nesta ceia.

CORO — *Esperando que a desavença não seja a nossa candeia.*

HOLANDÊS — Em nome das Índias Ocidentais, e também da Holanda, respeitosamente eu me dirijo a vossa mercê, certo que tais companhias, não lhe vão parecer demais.

A guerra, todos o sabemos, é amarga e sempre desumana. E esta que travamos, não escapa a tais rigores. Mas uma coisa eu garanto, para não tardar no assunto: nesta batalha do açúcar, não somos nós, holandeses, que queremos queimar a cana. E quando tal acontece, como vem acontecendo, quem mais sofre é o plantador — que é sempre um por-

tuguês — porque até a baixa na nossa Bolsa o afeta diretamente no preço de compra do que sobra.

Não tome por soberba o que estou em medida de lhe anunciar. Mas como um fato real, de que ambas as partes podem tirar o seu proveito: a guerra está praticamente ganha. Alguma resistência na Paraíba... a Bahia... Mas estão aí as Alagoas, Pernambuco, Maranhão, toda a várzea e o litoral sob o nosso domínio, que não nos deixam mentir.

CORO — *E se a lição foi aprendida a vitória não será vã.
Neste Brasil Holandês,
tem lugar para o português
e para o Banco de Amsterdam.*

HOLANDÊS — Para isso, eu prometo: liberdade a quem quiser produzir; bons impostos; compradores certos; direito de ir e vir; o padre poderá rezar a sua missa católica, sem protestos de ninguém, até porte de arma aos senhores de plantação lhes será autorizado, com a condição desse fogo ser só para fins de conter escravo fujão. Tudo isso é de vulto. Mas isso eu firmo e endosso.

CORO — *Pois o mais importante culto
É o açúcar, que é nosso.*

OS MORADORES APLAUDEM O DISCURSO COM ENTUSIASMO. UM SOLDADO SE APROXIMA DO CHEFE HOLANDÊS COM UM CÁLICE.

HOLANDÊS — Brindemos à América Holandesa! De Nova Amsterdam a Buenos Aires! (Os moradores respondem ao brinde com euforia).

FREI (levantando-se) — Senhor! Maior agravo e injustiça não se pode fazer aos católicos romanos. O pro-

fanar os vasos sagrados nos quais se consagra o sangue de Cristo no sacrifício da missa. Basta essa só injúria para que os moradores não tenham por firme vossa amizade e promessas.

OS MORADORES, SUBITAMENTE CABISBAIXOS, RETOMAM EM SURDINA A CANÇÃO "MISERERE NOBIS". O HOLANDÊS JOGA FORA O VINHO, TOMA O CÁLICE PELO PÉ E BEIJA-O, DEPOSITANDO-O EM SEGUIDA SOBRE A MESA, RESPEITOSAMENTE.

HOLANDÊS — Frei, perdão. Que fique entre nós dois. Eu mesmo sou católico romano e se sirvo ao holandês na guerra é apenas por interesse. Se oculto a minha verdadeira religião é para não perder meu cargo. Porque como militar prestei três juramentos de fidelidade: à Companhias das Índias, aos Estados Gerais Holandeses e ao Capitão-General. E se me faço de protestante é porque ainda me devem muito do meu soldo. (pausa) Mas assim que me pagarem hei de ir a Roma buscar o perdão do Papa pela culpa em que caí.

ANNA NO MEIO DA ORGIA CANTA UM TRECHO DE ANNA DE AMSTERDAM.

ANNA (cantando) — *Eu dormi com um protestante*

MORADORES — *ti ti ti*

ANNA — *E um católico depois*

MORADORES — *oi oi oi*

ANNA — *Mas a mim ninguém garante*

MORADORES — *ti ti ti*

ANNA — *Qual é o melhor dos dois*

MORADORES — Ha ha ha! Dá-lhe Anna! Tenta um judeu! Segura aqui! Muda de lado! Olha eu!

ANNA (cantando) — *As Sagradas Escrituras*

MORADORES — *ais ais ais*

ANNA — *Não souberam me explicar*

MORADORES — *ah ah ah*

ANNA — *Como a dúvida perdura*

MORADORES — *ah ah ah*

ANNA — *Continuo a rebolar.*

MORADORES — Ha ha ha! Rebola pra cá, meu bem! Eu sou ateu!

ENTRA SOUTO AFOBADO

SOUTO — Ele está chegando, capitão! Eles estão aí!

ANNA — Oba! Oba! (pausa) Eles quem?

SOUTO (para o Holandês e o Frei) — Mathias de Albuquerque está a poucas léguas!

FREI — O governador!

HOLANDÊS — Ex-Governador.

SOUTO — Caiu a última cidadela portuguesa, o Forte de Nazaré. Mathias abandonou a Paraíba e vem para o sul, rumo à Bahia.

FREI — Então tem que passar por aqui...

SOUTO — Exatamente.

HOLANDÊS — Pretende atacar?

SOUTO — Acho difícil, Senhor. Apenas alguns soldados desgarrados. Quase só mulheres, crianças e bois... Deve tentar passar por fora, de noite...

FREI — Ainda bem. Porto Calvo já está cansada de guerra.

HOLANDÊS — E os bois?

SOUTO — Bois gordos e carruagens, Senhor. Carregados de muita riqueza (para o Frei) e soldados, índios, negros, mosquetes, canhões... (para o Holandês) Presa fácil.

HOLANDÊS — Ouro?

SOUTO — E prata.

HOLANDÊS — Mantimento de boca?

SOUTO — Muitos.

HOLANDÊS — Ótimo. Eu comando a expedição.

SOUTO (para o Frei) — Diga a Mathias que ele comanda a expedição.

HOLANDÊS — Duas companhias.

SOUTO (para o Frei) — Duas.

HOLANDÊS — Três ficam na cidade para o que der e vier.

SOUTO — E Calabar?

HOLANDÊS — Calabar fica em Porto Calvo.

SOUTO (para o Frei) — Mathias vai gostar de saber disso (Para o Holandês) — Senhor, peço permissão para o acompanhar.

HOLANDÊS — Concedido.

SOUTO (para o Frei) — Tá feito. Diga a Mathias que Porto Calvo será novamente nosso. E com Porto Calvo, Calabar.

É FINAL DE BANQUETE: OS HOMENS DORMEM DE PORRE. ANNA DE PÉ SOBRE A MESA.

ANNA (cantando) — *Quando perco alguma guerra,
Eu não perco a profissão.
Muda só minha bandeira
Como muda o rufião.*

CORTE DE LUZ PARA HENRIQUE DIAS, SEBASTIÃO DO SOUTO E FILIPE CAMARÃO, QUE SE APRESENTAM CANTANDO A CANÇÃO DOS HERÓIS. AO FUNDO, FREI E MATHIAS.

DIAS (cantando) — *O meu nome é Henrique Dias,
Se a memória não me falha.
Ganhei os dias do nome
No negrume da batalha.
Troquei os pés pelas mãos,
Um olho por uma medalha.
Fiz das tripas, coração
E da camisa, mortalha.*

FREI (para Mathias) — Este sim, é um herói. Negro na cor porém branco nas obras e no esforço. Inclusive. V. Excia. já notou como ele está ficando um pouco mais claro?

CAMARÃO (cantando) — *Minha graça é Camarão.
Em tupi, Poti me chamo,
Mas do novo Deus cristão
Fiz minha rede e meu amo.
Bebo, espirro, mato e esfolo
No ramerrão desta guerra.
E se eu morrer não me amolo,
Que um índio bom nunca berra.*

FREI — É isso mesmo. Precisamos aproveitar os nossos recursos naturais. A velocidade do índio, os canoeiros da Amazônia... Este índio nasceu entre os selvagens tapuias, que são uns analfabetos e antropófagos e hereges e traidores, e é hoje o mais leal soldado que El Rey tem nesta guerra. Recebeu o título de Dom e um nome de homem civilizado: Dom Antônio Filipe Camarão, Cavaleiro do Hábito de Cristo.

SOUTO (cantando) — *Me chamam Sebastião Souto
E algumas coisas mais
que com a morte se excita
e destroi o que lhe apraz.
A vida, bicha maldita,
de tudo me dá o troco,
e eu vivo na desdita
de ser lúcido e ser louco.*

FREI — Desse falaremos mais tarde!

A LUZ SE CONCENTRA EM MATHIAS QUE TEM O OLHAR FIXO NAS PRÓPRIAS MÃOS.

MATHIAS — Alegria, minhas mãos, alegria,
Que a vingança acaba de acenar
Com a promessa do vosso dia,
Que é a noite de Calabar.

Abri em sorrisos, mãos cerradas
Em punhos de pedra contra o céu.
Mãos de pluma de pato cansadas
De escrever cartas ao léu.
Mãos de vem cá sem resposta,
Mãos de infinito adeus.
Mãos-de-ferro, mãos de bosta
Mãos de seda e de garrote.
Mãos à obra, mãos de bote,
Mãos do vício solitário,
De afagos de segunda-mão.
Mãos feitas para o necessário,
Mãos de afogado, indigente.
Mãos de escravo e de maestro,
Predicado independente
De um sujeito ambicanhestro.
Minhas mãos, fazei justiça
Com as vossas próprias mãos
Saciai vossa cobiça
Na garganta da traição.

Esfregai-vos, minhas mãos de orgia!
Ejaculai, oh mãos de estrangular!
Alegria, minhas mãos, é dia
Que é noite de Calabar.

NO FINAL DA FALA MATHIAS ESTÁ SENTADO A MESA COM FREI, DIAS E CAMARÃO. ESTENDE A MÃO, APANHA UM GARFO E ESPETA UM PEDAÇO DE BACALHAU.

MATHIAS — Mas vem cá... esse traidor...

FREI — Calabar?

MATHIAS — Não, o outro. O nosso. O que está com eles.
Quero dizer, o que nos mandou o recado.

FREI — Ah, sim, Sebastião do Souto.

MATHIAS — Esse traidor é de confiança?

FREI — Bem, eu não botaria a mão no fogo...

MATHIAS — Como é que ele se dá com o Calabar?

FREI — É amigo e o odeia.

MATHIAS (garfo no ar com bacalhau) — Estranha terra, esta, em que se cultiva com tanto gosto a arte de delatar. Muito estranha esta guerra. Tantas raças, tantos idiomas, mas só se entendem as palavras da traição (leva o bacalhau à boca) Magro!

FREI — O que? Eu?

MATHIAS — O bacalhau... Magro, insosso e mofado! (afasta o prato)

DIAS (tomando o prato que Mathias rejeitou) — Senhor, se me permite... (dá uma garfada e continua a falar de boca cheia)... Sebastião não é flor que se cheire. Mas o plano me parece seguro. Ele vem nos trazendo duas companhias na bandeja.

CAMARÃO (servindo-se de vinho) — De minha parte é perfeito. Onde o holandês pensa que há meia dúzia, tenho duzentos índios. Duzentos índios na emboscada, que morram cem (dá um gole e continua) estamos aí para isso mesmo, ainda sobram cem para o cerco.

FREI (beliscando o prato de Dias) — Com apenas três companhias em Porto Calvo, Calabar terá que se render às suas tropas, Governador.

MATHIAS (às gargalhadas) — Um ano de fracassos consecutivos. Perdi Cabedelo, Reis Magos, Nazaré e Bom Jesus, estou sendo enxotado para a Bahia, donde vou ser recambiado para a metrópole, onde me fazem uma devassa. E para me substituir vão mandar um espanhol, como se não bastasse. (subitamente sério). Mas esta guerra é santa. Deus é justo e não permitirá que eu morra sem antes encarar o Calabar (tira um pergaminho do peito). E fazê-lo engolir a resposta que me mandou.

LUZ ISOLA MATHIAS QUE COMEÇA A CANTAR O FADO TROPICAL

MATHIAS (cantando) — *Oh, musa do meu fado,
Oh, minha mãe gentil.
Te deixo, consternado,
No primeiro abril.
Mas não sê tão ingrata,
Não esquece quem te amou.
E em tua densa mata
Se perdeu e se encontrou.*

*Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.*

MATHIAS (falando com emoção, permanecendo o fundo musical de melosas guitarras) — Sabe, no fundo eu sou um sentimental. Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dosagem de lirismo. Além da sífilis, é claro. Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar, meu coração fecha os olhos e, sinceramente, chora.

MATHIAS (cantando) — *Com avencas na caatinga,
Alecrins no canavial,
Licores na moringa,
Um vinho tropical.
E a linda mulata,
Com rendas do Alentejo,
De quem, numa bravata
Arrebato um beijo.*

*Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.*

MATHIAS (declamando, sempre acompanhado de guitarras) —
Meu coração tem um sereno jeito
E as minhas mãos o golpe duro e presto.
De tal maneira que, depois de feito,
Desencontrado eu mesmo me contesto.

Se trago as mãos distantes do meu peito,
É que há distância entre intenção e gesto.
E se meu coração nas mãos estreito,
Me assombra a súbita impressão de incesto.

Quando me encontro no calor da luta
Ostento a aguda empunhadura à proa,
Mas o meu peito se desabotoa.

E se a sentença se anuncia bruta,
Mais que depressa a mão cega executa
Pois que senão o coração perdoa.

NO DECORRER DO SONETO, MATHIAS FOI DESABOTOANDO AS CALÇAS E ARRIANDO-AS. AGORA, PARA A ÚLTIMA PARTE DO FADO, ELE VAI-SE SENTANDO NA LATRINA AO LADO DO HOLANDES, QUE PERMANECE NA PENUMBRA.

MATHIAS (cantando) — *Guitarras e sanfonas,
Jasmim, coqueiros, fontes,
Sardinhas, mandioca,
Num suave azulejo.
O rio Amazonas
Que corre trás-os-montes
E, numa pororoca,
Deságua no Tejo.*

*Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,
Ainda vai tornar-se um Império Colonial.*

LUZ SOBRE OS DOIS. MATHIAS USA UMA CEROULA VERMELHA COM FAIXA VERDE: O HOLANDÊS EMPUNHA UMA BANDEIRA BRANCA ESPETADA NUM BAMBU; SUAS CEROULAS SÃO AZUIS LISTRADAS DE VERMELHO:

HOLANDÊS — Excelência...

MATHIAS (contorcendo-se em cólicas) — Um momento...

MATHIAS CAGA. ALIVIADO, SOLTA UM LONGO SUSPIRO.

HOLANDÊS — Sente-se melhor?

MATHIAS — Melhor? O senhor não faz idéia do que seja...

HOLANDÊS — Eu? Saiba que estou nesta campanha há tanto tempo quanto o senhor, Governador.

MATHIAS (fraternal) — Também pegou?

HOLANDÊS — Já trouxe das Índias Orientais.

MATHIAS — É. Parece que são terríveis, por lá.

HOLANDÊS — Nem pode imaginar...

MATHIAS — Mas as daqui não ficam atrás.

HOLANDÊS — Maneira de dizer...

MATHIAS — Ficam?

HOLANDÊS — A bem da verdade, a minha já é um resultado meio híbrido. Às vezes é a indiana que me ataca. Bem cedinho. A brasileira geralmente vem quando a outra está de recesso (começa a se contorceer). Falou no bicho? ... (caga)

MATHIAS (olhando no vaso do outro) — Das boas...

HOLANDÊS (conferindo) — Geralmente é mais amarelada...

MATHIAS — Tem vários matizes. A minha é um arco-íris.

HOLANDÊS — Que sorte.

MATHIAS — Sorte?

HOLANDÊS — Onde há cor nem tudo está perdido (evocativo) O senhor já esteve na Holanda?

MATHIAS — Não.

HOLANDÊS — Então não sabe o que é um campo de tulipas ao entardecer...

MATHIAS — E o senhor já viu as amendoeiras em flor?

O HOLANDÊS FAZ QUE NÃO COM A CABEÇA.

MATHIAS (saudoso) — ... parece um campo de neve.

HOLANDÊS — Nós temos neve. De verdade.

MATHIAS — Não é a mesma coisa.

HOLANDÊS (conciliador) — Claro...

MATHIAS — Essa é a imagem de Portugal que eu trago dentro de mim: as amendoeiras em flor (sente uma pontada na barriga)

HOLANDES — Pensando bem, talvez seja um tanto monótono...

MATHIAS — Sóbrio. Não monótono. Nem de mau gosto.

HOLANDES — Está se referindo às tulipas?

MATHIAS — Entenda como quiser. Não quero abusar da minha condição de vencedor, mas acho que o senhor não está em condições de me contrariar.

HOLANDES — Ô Ô Ô devagar... Se seus homens massacraram minha expedição, isso não quer dizer nada. Eu escapei. A prova disso é que estou aqui.

MATHIAS (irônico) — Em mau estado.

HOLANDES — Olha quem fala...

MATHIAS — Foi uma grande vitória das cores de Portugal.

HOLANDES — A serviço da Espanha.

MATHIAS — A serviço de Dom Sebastião!

HOLANDES (levantando-se rapidamente) — Sebastião?

MATHIAS — Dom Sebastião. Morto em Alcácer-Quibir.

HOLANDES (sentando-se) Aquele filho da puta...

MATHIAS (levantando-se, indignado) — Dom Sebastião, o Desejado?

HOLANDES — Sebastião do Souto

MATHIAS (sentando-se) — Ah bom.

HOLANDES — Quem diria, com aquela cara, com aquelas medidas... um infame traidor.

MATHIAS — É falar no diabo que ele bota a cauda de fora.

HOLANDES — Não estou entendendo.

MATHIAS — Porque não lhe convém. Estou falando de Calabar. C-A-L-A-B-A-R!

HOLANDES — Não aceito imposições.

MATHIAS — Aceita sim. E eu imponho que Calabar me seja entregue mãos e pés atados, como despojo de guerra. Essa é a cláusula Um da rendição de Porto Calvo.

HOLANDES — O cerco não faz mais que começar. Porto Calvo ainda tem três companhias de soldados.

MATHIAS — Tudo esfomeado.

HOLANDES — Estamos habituados a comer qualquer coisa. As suas tropas não estão melhor fornecidas de víveres.

MATHIAS — Para nós basta uma espiga de milho, por dia, por cabeça.

HOLANDES — Porto Calvo tem ratos.

MATHIAS — Isso eu sei. Com uniformes.

HOLANDES — E gatos. E baratas. E couro cru... E até alguns cachorros.

MATHIAS (enjoado) — Pfffffiiii...

HOLANDES — Não é tão ruim assim. Depende do jeito de preparar. Um ratinho na farofa...

MATHIAS — Com um raminho de coentro...

HOLANDES — Não sei ... um pouco forte... tira o bouquet (estala a língua) Talvez uma pitada de açafraão....

MATHIAS — Num ensopadinho de macaco...

HOLANDES (após uma pausa) — É, o mar não está pra peixe.

MATHIAS — Peixe tem. Só falta a rede.

HOLANDES — Cadê a rede?

MATHIAS — Não afunda. Mandei tirar todos os chumbinhos para fabricar bala.

HOLANDÊS — Também, isso já é coisa de português.

MATHIAS (admitindo) — Pois, não se é português impunemente. (reagindo). Mas vocês comeram o chumbo. E tem mais: vocês podem ser bons de cozinha mas como soldados não valem um carapau frito.

HOLANDÊS (levantando-se) — Governador. Pensei que tivesse vindo parlamentar com um gentil homem mas vejo que me enganei (joga longe a bandeira branca) Os Países Baixos que eu represento...

MATHIAS — Com muita propriedade.

HOLANDÊS — E a Companhia das Índias Ocidentais...

MATHIAS (queimando-se) — Que é na verdade quem manda na Holanda, confessa. Vocês não têm um rei mas uma corja de quitandeiros de terceira categoria à testa do Estado...

HOLANDÊS — E vocês, seus galegos...

MATHIAS — Não, a Galícia é com a Espanha...

HOLANDÊS — Portugal também é com a Espanha...

MATHIAS — Isso é provisório. (pomposo) E que esta seja a primeira e última vez que um português é chamado de galego.

HOLANDÊS (contorcendo-se em cólicas) — Aiaiaiaai... espera aí, espera aí, dá uma trégua (caga, olha o resultado na latrina) É a brasileira. Com um pouquinho mais de verde que o habitual.

MATHIAS — São essas matas...

HOLANDÊS — Esses céus...

MATHIAS — Essas riquezas...

HOLANDÊS — Que merda.

MATHIAS — Por falar nisso. Me entrega o homem e parte com todas as honrarias (recitando) "Os governadores, capitães e mais oficiais, soldados e pessoas de guerra podem sair com suas insígnias, armas e bagagens, bandeiras tendidas, cordas e caixa temperadas". Bonitinho, não?

HOLANDÊS — Digno.

MATHIAS — Segunda.

HOLANDÊS — Leva.

MATHIAS (recitando) — "Mosquetes em linha, baionetas caídas, sabres nus, fileiras de dois, cabeças erguidas..."

HOLANDÊS — Parece um Rembrandt!

MATHIAS — Trato feito.

HOLANDÊS — Eu não disse isso... (desalentado) Que é que os historiadores vão dizer de mim se eu entrego Calabar?

MATHIAS — Que o entregou a um homem de uma só palavra. A um fidalgo português. As minhas barbas como penhor. (O Holandês olha Mathias, que, imberbe, se apressa a crescer) Fica bonito... Um dos meus antepassados fez isso nas Índias! O Afonso.

HOLANDÊS — Ah, bom.

MATHIAS — É difícil estar sempre inventando frases novas. No fim de contas o passado deve servir para alguma coisa...

HOLANDÊS — Eu não disse o contrário.

MATHIAS — Mas também não disse que sim.

MOLANDÊS (após refletir) — À mercê d'El Rey Dom Felipe de Castela.

MATHIAS — Que é isso?

HOLANDES — Entrego Calabar à mercê d'El Rey. Cada um com sua frase.

MATHIAS (resmungando) — À mercê d'El Rey... À mercê d'El Rey... Sabe que isso pode criar um impasse nas nossas negociações?

HOLANDES — Não volto atrás.

MATHIAS — Preciso... (começa a se contorcer de cólicas)... cagar.

HOLANDES — A História pode esperar.

MATHIAS (olha as próprias fezes) — Sangüínea... Desintéria sangüínea.

HOLANDES — Ah, a Rood Loop! Temos coisa melhor.

MATHIAS — Permita-me duvidar.

HOLANDES — Os meus soldados têm uma cegueira noturna que chegam a tostar as pestanas à luz das velas.

MATHIAS (superior) — Hemerolapia... Isso é café pequeno. Já ouviu falar do escorbuto?

HOLANDES — Perdão, dois pontos, Sherbuik. Até a palavra vem do flamengo; portanto a primazia é nossa.

MATHIAS — Tifo.

HOLANDES — Tripanossomíase.

MATHIAS — Esquistossomose.

HOLANDES — Cancro mole.

MATHIAS — Priapismo ortogonal.

HOLANDES — Lepra.

MATHIAS — Disenteria bacilar.

HOLANDES — Leptospirose íctero-hemorrágica.

MATHIAS — Pus.

HOLANDES — Meleca.

MATHIAS — Turalamia.

HOLANDES — Hemitermia.

MATHIAS — Hemorróidas.

HOLANDES — Furunculose.

OS DOIS SUSPIRAM EXAUSTOS, APOIADOS UM CONTRA O OUTRO; ENTRA EM CENA O FREI CARREGANDO FOLHAS DE BANANEIRAS.

FREI — Terminaram?

HOLANDES — À mercê d'El Rey ... Terminamos.

MATHIAS — Quando contarem estes desafortunados fatos Falem de mim como eu sou...

HOLANDES — Nada acrescentando ou omitindo Nem pondo nenhuma malícia...

MATHIAS — Falem de alguém que sofreu Não sabidamente.

HOLANDES — ... mas demasiado E que tomado de cólera...

MATHIAS E HOLANDES EM CORO — Jogou o inimigo na desgraça. E na desgraça ele mesmo mergulhou.

OS DOIS TROCAM AS FOLHAS SECAS ENTRE SI, CERIMONIOSAMENTE, E SE LIMPAM.

FREI — Morram as tiranias e viva a liberdade!

AO TOQUE DE CAIXA, HOLANDES LEVANTA-SE E SAI. ENTRAM DIAS, CAMARÃO E SOUTO PUXANDO ANNA PELOS CABELOS. SOLDADOS HOLANDESES DEPOSITAM ARMAS. MATHIAS DIRIGE-SE AO CENTRO DA MOVIMENTAÇÃO. ENTRAM EM CENA BARRICAS DE VINHO E OUTROS DESPOJOS DE GUERRA. VIVAS E MORRAS. GRITO ESTRIDENTE DE ANNA, ATIRADA AO SOLO POR SOUTO.

CAMARÃO (garrafa na mão) — Viva o Papa!

DIAS — Morram os flamengos!

FREI — Viva Dom Felipe, rei de Portugal e Castela!

MATHIAS (impondo um súbito silêncio) — Viva El Rey Dom Sebastião de Portugal!

FREI (fazendo o sinal da cruz) — Que Deus o tenha.

MATHIAS — E que esta vitória sirva de exemplo à nobreza lusitana que se dobra ao jugo de Castela.

FREI — Excelência...

MATHIAS — O que é?

FREI — Se alguém o ouve falar assim...

MATHIAS — Portugal e Espanha estão unidos pela dinastia dos Felipes, está certo. Mas eu sou brasileiro, de sangue nobre português. E quem manda no Brasil ainda é Portugal e não a Espanha.

DIAS — Viva Portugal!

FREI — Que Deus o tenha.

CAMARÃO — Amém.

FREI — Cuidado. As paredes têm ouvidos.

MATHIAS — Que ouçam. Esta vitória é minha.

SOUTO — Sua, Excelência...

MATHIAS — ... e de alguns preciosos colaboradores.

SOUTO — Sebastião do Souto, às suas ordens.

MATHIAS — Por isso eu a dedico a quem quiser. Por quê aos espanhóis? O Brasil nunca lhes interessou. O Brasil para eles é uma cortina de cana para proteger dos holandeses a prata do Peru. Cadê os navios que me prometeram? Cadê as notícias? Cadê os canhões? Cadê os remédios? Nada. Mandam um, um espanhol para me substituir!

SOUTO — Governador, talvez não seja o momento mas fui eu que...

MATHIAS — Já sei, você é o traidor. Parabéns, está nomeado alferes.

SOUTO — Obrigado, mas... traidor?

FREI — Não, quem trai a Holanda não trai o Papa. Traidor é quem trai Castela.

MATHIAS — Traidor é quem trai Portugal.

FREI — Sutilezas históricas, Excelência.

CAMARÃO — Traidor é quem trai Jesus Cristo.

DIAS — Traidor é quem trai a Pátria.

SOUTO — Traidor é Calabar.

FREI — Quanto a Calabar, quais são as suas intenções, Governador?

SOUTO — Esta guerra é um vai-vem. Calabar vivo é um perigo.

FREI — Me parece que no partido tratado com o holandês Calabar foi entregue à mercê d'El Rey.

SOUTO — Os reforços dos flamengos estão por perto. Chegam antes da resposta d'El Rey.

MATHIAS — Nesta guerra do Pernambuco eu represento Dom Felipe de Portugal e Castela. Ou não?

TODOS CONCORDAM RUIDOSAMENTE

MATHIAS — Deixa eu falar.
 Nem que seja só pelas derrotas que me fez
 [amargar
 Ou pelo açúcar que me fez perder,
 Nem que seja injusta a glória
 E a glória bagatelas,
 Nem que seja só pra deixar

O meu nome na História,
Com meus vermes e mazelas
Eu condeno Calabar.
Por que quem vai querer saber
Que eu tive diarreia,
Saber que uma noite de cólicas agudas
Vale tanto quanto uma epopéia?
Para ser mais do que eu sou
Nestas guerras de Holanda,
Para que Mathias de Albuquerque lembre
[um nome]

Que dói mais do que anda,
Só me resta a esperança de um traidor
Ligado ao meu destino.
Só me resta esperar e até querer
Que tudo fie fino.
E se mando matar Domingos Fernandes Ca-
[labar ainda moço]

É porque uso o tino,
Uma vez que o tutano
De tão podre não merece um outro osso.
E se vocês rirem de mim,
Se eu for alvo de chacotas e chalaças,
Se for ridículo na jaqueta de veludo
Ou nas ceroulas de brim,
Ou porque falo tanto de caganeira e
[bacalhau,

É bom pensarem duas vezes porque ainda
[mesmo assim]
Com lombrigas dançando dentro da barriga,
Com a Holanda, a Espanha e a intriga,
Eu sou aquele que, custe o que custar,
Acerta o laço e tece o fio
Que enforca Calabar.

MATHIAS (para o Frei) — Mas antes vá confessá-lo, Frei
Manoel, e o encaminhe para que não perca
a alma, pois com tanta infâmia já perdeu
a vida (Frei sai)... e vocês...

SOUTO — Alferes Sebastião do Souto.

MATHIAS — ... antes ou depois da confissão, tanto faz,
proceda como é de uso nessas ocasiões, sem
que os que mandam saibam disso, para que
ele não carregue para o tumulto alguma in-
formação do interesse geral que eu represen-
to (Souto sai). Quero ficar sozinho para
meditar... Porque neste Pernambuco eu sou
Dom Felipe de Castela, rei de Portugal e
Algarves...

ANNA (acordando) — E eu sou Anna de Amsterdam.

MATHIAS — De aquém e de além-mar em África. Cabo
Verde, Açores, Angola e Moçambique.

ANNA — Anna da Rua Larga.

MATHIAS — Senhor da Conquista, Navegação e Comér-
cio. Da Etiópia, Arábias, Pérsia e Índia.

ANNA — Anna do beco sem saída.

MATHIAS (escalando um time de futebol) — Goa, Damão e
Diu; Timor, Ormuz e Macau; Guiné, Madei-
ra, Sumatra, Malaca e Molucas!

ANNA — Anna do banco e do túnel.

MATHIAS — Maranhão, Paraíba, Piauí.

ANNA — Pepe, Mané, Giovanni e Henri.

MATHIAS (desanimado) — Porto Calvo... Porto Alegre...
Niterói...

ANNA CANTA ANNA DE AMSTERDAM

ANNA (cantando) — *Sou Anna do dique e das docas,
Da compra, da venda, das trocas, das*
[pernas]
Dos braços, das bocas, do lizo, dos bichos,
[das fichas].

Sou Anna das loucas.

Até amanhã

Sou Anna

Da cama, da cana, fulana, sacana,

Sou Anna de Amsterdam.

*Eu cruzei um oceano
Na esperança de casar.
Fiz mil bocas pra Solano,
Fui beijada por Gaspar.*

*Sou Anna de cabo a tenente,
Sou Anna de toda patente; das Índias.
Sou Anna do oriente, ocidente, acidente,
[gelada.*

*Sou Anna, obrigada.
Até amanhã
Sou Anna
Do cabo, do raso, do rabo, dos ratos,
Sou Anna de Amsterdam.*

*Arrisquei muita braçada
Na esperança de outro mar.
Hoje sou carta marcada,
Hoje sou jogo de azar.*

*Sou Anna de vinte minutos,
Sou Anna da brasa dos brutos na coxa
Que apaga charutos, sou Anna dos dentes
[rangendo*

*E dos olhos enxutos.
Até amanhã
Sou Anna
Das marcas, das macas, das vacas, das
[pratas,
Sou Anna de Amsterdam.*

MATHIAS QUE, DURANTE A CANÇÃO, ENSAIAVA COM ANNA ALGUNS PASSOS OBSCENOS, É SURPREENDIDO PELA CHEGADA DO FREI.

MATHIAS — E então? Esteve com o homem?

FREI — Vi-o pela manhã e lhe disse o que importava para sua salvação e que se preparasse para confessar, visto que hoje teria que

dar contas a Deus. E depois o deixei só por uma hora para que ele se aparelhasse como convinha.

MATHIAS — E ele confessou?

FREI — Por três horas. Com muitas lágrimas e compunção de espírito. No meu entender, com muito e verdadeiro arrependimento de seus pecados, segundo o que o juízo humano pode alcançar.

MATHIAS — À merda com o juízo humano. Quero saber se Calabar apontou nomes.

FREI — Bem, fez certos apontamentos de dívidas e obrigações, e de boa quantia de dinheiro que os do Conselho Supremo dos holandeses lhe devem do seu soldo e de algumas peças de ouro e de prata, e alfaías de seda que no Arrecife tem, para que dali se paguem algumas dívidas em que está obrigado.

MATHIAS — Os nomes?

FREI — E me mandou que entregasse esses apontamentos a sua mãe, Angela Alvres, o que eu pontualmente farei.

MATHIAS — Frei, o que eu quero saber...

FREI (solene) — Às três horas da tarde se tornou a reconciliar com as mesmas lágrimas e mostras de arrependimento. Foi quando o ouvidor, na minha presença e na do escrivão, lhe perguntou se sabia que alguns portugueses haviam sido traidores, e tratavam com o inimigo secretamente, levando-lhe ou mandando-lhe avisos do que entre nós se fazia. Ao que ele respondeu que muito sabia e tinha visto nesta matéria.

MATHIAS — E deu os nomes?

FREI — Não.

MATHIAS — Como não?

FREI — Disse que de presente não se atrevia a furtar o tempo que lhe restava de vida a ocupar-se a fazer autos e denúncias por mão de escrivão.

MATHIAS — Isso veremos.

FREI — Excelência, cuidado. Segundo o que me disse Calabar, os grandes culpados não estão na arraia miúda. O que ele me deu licença que lhe contasse são coisas pesadas, que eu gostaria de tratar consigo em particular.

OS DOIS SE ENCAMINHAM PARA UM CANTO ESCURO, OS MORADORES ENTOAM O REFRÃO DO "MISEREERE NOBIS"; BÁRBARA VAI-SE DESTACANDO DOS MORADORES.

BÁRBARA — Certo. Certo.
 Não tem culpa arraia-miúda.
 Não tem culpa arraia-miúda.
 Arraia-miúda não muda,
 Arraia-miúda está muda,
 Carrancuda, tartamuda,
 Bochechuda, barriguda.
 Arraia-miúda só ajuda.
 A traição graúda,
 Chifruda e nariguda,
 Sisuda, trombuda e papuda.

Certo, certo, certo,
 A culpa de todo é de Calabar.
 A culpa de todos é de Calabar.
 É bom, é cômodo, é fácil
 Trazer um traidor dentro da manga.

Certo, certo, certo, certo.
 O melhor traidor é o que se escala
 Corpo pronto para a bala,

Se encurrala, se apunhala,
 Se amarrota e não estala,
 E cabe dentro da mala,
 Se despeja numa vala.
 Se esquece espetado em tala
 Com que arraia não se rala
 E não se fala na sala.

LUZ EM MATHIAS E FREI

MATHIAS — Frei, que não se toque mais nesse assunto para não levantar poeira, porque muitos desgostos e trabalhos podem vir daí. Isto já são assuntos de Estado e não da Igreja. Torne à sua casa no mato e volte amanhã pela manhã... Espere!

FREI — Sim?

MATHIAS — Frei Manoel, amanhã já não estarei mais aqui. É provável que nunca mais nos vejamos nestas terras. Portanto, antes de partir quero lhe fazer uma confissão (ajoe-lha-se) — Eu, Mathias, de sangue e nome português, mas brasileiro por nascimento e afeição, às vezes tenho pensado neste meu país...

FREI — Que Deus o perdoe...

MATHIAS — Sim, Padre, tenho sofrido esta tentação. As vezes tenho hesitado em deixar o meu país à sua sorte, o que não é sorte sua... Padre, às vezes, peço em pensamento, e as palavras quase me traem. E eu quase me surpreendo a contestar as ordens que me chegam não sei de onde ou em nome de quem...

FREI — Que Deus o perdoe.

MATHIAS — Oh, pecado infame, a infame traição de colocar o amor à terra em que nasci acima dos interesses do rei!

FREI — Que Deus...

MATHIAS — Me perdoe. Caso contrário eu não seria digno de enforçar um homem, brasileiro como eu, que se atreve a pensar e agir por conta própria.

FREI — Que Deus o perdoe.

MATHIAS — Sim, Padre, suplico a Deus que me perdoe a desgraça de ter sido fraco e ter hesitado, ainda que por instantes, em seguir as regras do jogo. Pois Deus sabe que...

FREI E MATHIAS — O que é bom para Portugal é bom para o Brasil.

MATHIAS (aliviado) — Obrigado, Padre. A penitência.

FREI — Sua Excelência já me deu provas de extrema dedicação à sua terra natal e à metrópole. Deixar o Brasil já lhe é suficiente penitência.

OFICIAL (entrando) — Excelência.

MATHIAS (levantando-se) — Hum... sim... Bem, vamos abandonar Porto Calvo dentro de poucas horas. Calabar será executado sem a presença do povo, na calada da noite, para que não diga coisas que não devem ser escutadas. E que Deus e os homens nos perdoem dos nossos caminhos se terem cruzado assim.

FREI — Deus certamente perdoa.

MATHIAS (para o oficial) — Podem dar início à execução (sai).

SUBITAMENTE ILUMINADA, BÁRBARA CANTA TATUAGEM

BARBARA (cantando) — *Quero ficar no teu corpo feito tatuagem*

*Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem.
E também pra me perpetuar
Em tua escrava
Que você pega, esfrega, nega
Mas não lava.*

*Quero brincar no teu corpo feito bailarina
Que logo se alucina,
Salta e te ilumina
Quando a noite vem.
E nos músculos exaustos
Do teu braço
Repousar frouxa, murcha, farta,
Morta de cansaço.*

*Quero pesar feito cruz nas tuas costas
Que te retalha em postas
Mas no fundo gostas
Quando a noite vem.
Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva,
Marcada a frio
A ferro e fogo
Em carne viva.
Corações de mãe, arpões
Sereias e serpentes
Que te rabiscam o corpo todo mas não
[sentes.]*

RUFAR DE TAMBORES. EM CLARO-ESCURO, SOLDADOS TRAZEM UM HOMEM NUM CERIMONIAL DE EXECUÇÃO. OFICIAL LÊ A SENTENÇA ENTRECORTADA POR RUFOS DE TAMBOR:

OFICIAL — ... com barão e pregão... (rufos)... por traidor e aleivoso à sua Pátria e ao seu Rei e Senhor... (rufos)... que seja morto de

morte natural para sempre na forca... (rufos)... e seu corpo esquartejado, salgado e jogado aos quatro cantos... (rufos)... para que sirva de exemplo... (rufos)... e a sua casa seja derrubada pedra por pedra e salgado o seu chão para que nele não cresçam mais ervas daninhas... (rufos)... e os seus bens confiscados e seus descendentes declarados infames até a quinta geração... (rufos)... para que não perdurem na memória... (rufos)...

BÁRBARA, SOUTO, DIAS E CAMARÃO. PREPARATIVOS DA EXECUÇÃO. FUNDO ORQUESTRAL DE *COBRA DE VIDRO*.

CAMARÃO — Eu não disse nada.

DIAS — Eu acabei de chegar. Não vi nada.

SOUTO — Eu não sei de nada, Bárbara. Cada vez menos, Bárbara.

BÁRBARA PARECE NÃO PRESTAR ATENÇÃO AOS TRÊS GUERREIROS.

DIAS — A guerra tem todos os direitos... Mas a verdade é que eu não vi nada do que se passou.

CAMARÃO — E daí que visse... Os meus irmãos caem como moscas e ninguém diz nada. Por que é que eu iria dizer?

SOUTO — Bárbara!

CAMARÃO — Caem de bala, tacape, gripe... Caem decapitados...

DIAS — É natural. É a guerra.

CAMARÃO — É natural. A minha raça tem que acabar.

SOUTO — Bárbara!

DIAS (irritado) — O que você quer com ela?

SOUTO — Nada.

DIAS — Deixa ela em paz.

SOUTO — O que é que ela pode estar pensando?

DIAS — Como é que eu vou saber? Ela já sabe que ele vai ser enforcado?

CAMARÃO — Não sei.

SOUTO — Acho que não. Mas essas coisas a gente adivinha. Não precisa que ninguém venha dizer.

CAMARÃO — É... Eu acho que ela sabe. De qualquer forma é triste ver alguém morrer assim.

DIAS — Se morre assim é porque fez alguma coisa. Está pagando pelo que fez. Eu sou pago para ser guerreiro.

CAMARÃO — Ninguém me pagou para ser índio.

DIAS — E depois, lugar de traidor é na forca.

SOUTO — É?

DIAS — Como, é? ... Você tem alguma dúvida?

SOUTO — O que me assusta na morte é que é o único momento que um homem enfrenta realmente sozinho. E essa solidão é a verdadeira definição do medo.

DIAS (rindo) — Medo?... Eu não tenho medo.

SOUTO — Medo carece de alguma imaginação.

DIAS — Eu não perco tempo com idiotices. Eu só imagino coisas grandiosas.

SOUTO — Se valesse a pena ter pena de alguém, era de você que eu tinha, Dias.

DIAS — Você está me insultando?

SOUTO — Gostaria, às vezes... mas não neste instante.

CAMARÃO — O que mais me assusta na morte é o novo cheiro que ela traz ao corpo. Essa podridão é a definição do homem.

DIAS — Bobagem... O que pode assustar na morte é a própria morte. Mas quando ela chega já não tem definição.

SOUTO — Confesso que já não sei mais nada.

CAMARÃO — E tem alguma coisa pra saber?

SOUTO — Também não sei.

CAMARÃO — Eu acho que não tem.

DIAS — Se tiver, não me interessa.

BÁRBARA PARECE DESPERTAR. OLHA PARA OS TRÊS.

BÁRBARA (para Dias) — Eu conheço você.

DIAS — Meu nome é Henrique Dias, Governador dos Pretos, Crioulos e Mulatos.

CAMARÃO — Eu sou Antônio Filipe Camarão, Governador e Capitão-Mór de todos os índios da Costa do Brasil.

BÁRBARA — E evidentemente, você é Sebastião. Vocês todos lutaram ao lado dele...

DIAS — Antes.

BÁRBARA — Houve uma época em que foram amigos...

SOUTO — Fomos.

BÁRBARA — E agora?

DIAS — Agora?

BÁRBARA — O que é que vocês vão fazer?

CAMARÃO — Nós?

DIAS — Nós não temos nada com isso...

SOUTO — Somos apenas soldados...

CAMARÃO — Lutamos... Cumprimos ordens superiores.

DIAS — Esse não é o nosso setor. Isso é com o rei e o carrasco.

BÁRBARA — Eles não têm nada com isso. Eles são apenas soldados. Agora é com o rei e o carrasco.

DIAS — Isso mesmo.

BÁRBARA — Vão matá-lo?

SOUTO — Talvez.

CAMARÃO — Se for a vontade de Deus.

DIAS — Ou a vontade d'El Rey.

BÁRBARA — Talvez o matem se for a vontade de Deus ou d'El Rey.

DIAS — É.

CAMARÃO — A gente não pode saber de tudo o que acontece.

SOUTO — Nem querendo.

DIAS — Eu não quero. Quem sabe demais se dá mal. Eu sei o que preciso. Sei o suficiente.

BÁRBARA — O suficiente para que?

DIAS — Para não ser um traidor, por exemplo.

BÁRBARA — O suficiente para ser um herói?

DIAS — Por que não?

BÁRBARA — O suficiente para não se importar de ser negro?

DIAS — Por que iria me importar de ser negro?

BÁRBARA — Nunca o trataram como negro?

DIAS — Na minha pátria, graças a Deus, o negro é quase igual ao branco.

BÁRBARA — Você nasceu livre?

DIAS — E de sangue limpo.

BÁRBARA — Os seus pais nunca foram escravos...

DIAS — Isso não importa.

BÁRBARA — Os outros negros não são escravos...

DIAS — Eu não sou.

BÁRBARA — Isso também é o suficiente...

DIAS — Eu mesmo me fiz. Minha dinastia começa comigo. Passei pelo que tinha que passar. Trabalhei, lutei e engoli muito sapo para ser o que sou.

BÁRBARA — E está contente...

DIAS — Não é para estar?

BÁRBARA — E os outros?

DIAS — Os outros?

BÁRBARA — Os outros negros.

DIAS — Que sigam o meu exemplo. Há sempre um lugar ao sol para quem não é preguiçoso.

BÁRBARA — E um lugar na força para quem não pensa do mesmo jeito.

DIAS — Um lugar na força para quem não sabe o seu lugar.

BÁRBARA — Você sabe o seu lugar.

DIAS — Duvida?

BÁRBARA — Não. Não duvido.

DIAS — Eu disse que ia vencer na vida e venci. Hoje sou um guerreiro vitorioso e quando a guerra acabar serei um homem respeitado.

SOUTO — E rico.

DIAS — E rico. Só os imbecis são pobres.

CAMARÃO — Felizes dos pobres de espírito, que a eles pertence o reino dos céus.

DIAS — O que é que você está dizendo?

CAMARÃO — Eu? Nada, quem disse isso foi Jesus Cristo.

BÁRBARA — E o que é que você diz, Camarão?

CAMARÃO — Eu não digo nada. Sou um índio. Os índios dizem coisas que o branco não pode entender.

BÁRBARA — É por isso que você luta do lado deles?

CAMARÃO — Esta é uma guerra de brancos, dos dois lados. Por isso, tanto faz.

BÁRBARA — E você vai morrer sem acreditar em nada...

CAMARÃO — Vou morrer porque sou índio e nós índios morremos todos no primeiro dia que os brancos botaram o pé nas Américas.

BÁRBARA — Você acredita nisso?

CAMARÃO — Acreditar no contrário também conduz à morte.

BÁRBARA — E a maneira de morrer não conta?

CAMARÃO — Não.

BÁRBARA — Nem na força?

CAMARÃO ENCOLHE OS OMBROS.

BÁRBARA — Nem por um ideal?

CAMARÃO — Os ideais são sempre muito confusos. Eu prefiro morrer por uma idéia clara.

BÁRBARA — Mesmo errada.

CAMARÃO — Mesmo errada. Quero morrer ao meio-dia.

SOUTO — Parem com isso.

CAMARÃO — Por que?

DIAS — Sim, por que?

SOUTO — Isto não conduz a nada. O que está feito, está feito.

BÁRBARA — Pode ser mudado.

SOUTO — Não pode. Toda a vida é uma coisa absurda, que escapa da nossa própria vontade.

BÁRBARA — Você está arrependido, Sebastião?

SOUTO — Estou sempre arrependido.

BÁRBARA — Está arrependido do que fez?

SOUTO — Já estou arrependido do que vou fazer, sem saber porque faço e porque me arrependo a cada instante. Queria que as coisas fossem mais imediatas. Queria saber do certo e do errado. Queria não ter dúvidas.

BÁRBARA — Como Calabar.

SOUTO — Sim, como Calabar.

BÁRBARA — Ele não tem dúvidas.

SOUTO — É, ele não tem dúvidas.

BÁRBARA — E por isso vão matá-lo, não é?

SOUTO — Não sei. Só sei que eu também sempre fiz o que era para ser feito. E passei de um lado para o outro sem nunca me perguntar porque. Porque aprendi que na guerra vale tudo. Sempre achei tudo normal. Achei normal que todo um batalhão de flamengos lutasse do lado dos portugueses. Quando um ano depois, eles desertaram de volta, achei normal. Achei que era normal executar 200 índios porque eram tapuias e hereges. Depois executamos outros cento e vinte batizados. Achei que era normal. Combati normalmente sob as ordens de chefes espanhóis, lusos, franceses, italianos, poloneses, alemães que também achavam normal lutar por dinheiro, por qualquer bandeira. Falaram em religião, acreditei. Disseram que a luta era entre Deus e os diabos, entre a terra e o mar, lutei. Depois vi que a luta era entre o açúcar e o sal, por ouro e prata, pela pimenta e noz moscada, pela cochonilha e pelo pau-brasil, e aceitei. Achei tudo normal porque não sou louco. Só um louco é que faz perguntas que não se pode responder. Se tem um louco nesta história é ele.

SOUTO (cantando) — *Se escuto um homem caindo,
O seu grito não me fala.
Tenho os tímpanos zunindo,
Orelha furada a bala.*

BÁRBARA — Por isso vão matá-lo, não é, Dias?

DIAS — Eu estou chegando. Não vi nada.

DIAS (cantando) — *Se vejo um homem caído
Eu não sinto dó nem asco.*

*Eu tenho o olhar embutido
Em máscara de carrasco.*

BÁRBARA — Por isso vão matá-lo, não é, Camarão?

CAMARÃO — Eu estou chegando. Não disse nada.

CAMARÃO (cantando) — *Se tem um homem na força
Minha língua se embarça.
Saliva me cala a boca
Em feitiço de mordaca.*

SOUTO, DIAS E CAMARÃO (cantando) —

*Não tenho nada com isso,
Sou vassalo do vassalo.
Eu trato do meu serviço,
Eu cuido do meu cavalo.
Não tenho nada com isso,
Estou cansado e com pressa.
A guerra é o meu compromisso,
E nada mais me interessa.*

RUFO DE TAMBOR E MORTE DE CALABAR. OS TRÊS GUERREIROS SE IMOBILIZAM, UM AO LADO DO OUTRO: CAMARÃO, OS OLHOS BAIXOS, AS COSTAS DA MÃO COBRINDO A BOCA; DIAS, UMA DAS MÃOS COBRINDO OS OLHOS; SOUTO, A CABEÇA CAÍDA SOBRE O PEITO, AS DUAS MÃOS ESCONDENDO OS OUVIDOS. O CONJUNTO SUGERE A IMAGEM DOS TRÊS MACAQUINHOS DE MARFIM.

BÁRBARA CANTA CUIDADO.

BÁRBARA (cantando) — *Ninguém sabe de nada.
Ninguém viu nada.
Ninguém fez nada.
Ninguém é culpado.
Bichos de estimação,
Nesse jardim,
Cuidado
Estão todos gordos.*

*Sempre cem por cento cegos,
Cem por cento surdo-mudos.
Cem por cento sem perceber
A agonia
Da luz
Do dia.
Você,
Seu ventre inchado,
Ainda vai gerar
Um fruto errado.
Um bonequinho,
Um macaquinho de marfim,
Castrado.*

SOUTO, DIAS, CAMARÃO E OS SOLDADOS SAEM. É NOITE. BÁRBARA REMEXE O SANGUE DE CALABAR NUMA BACIA NUM GESTO CASEIRO.

ANNA — Bárbara!

BÁRBARA OLHA A HOLANDESA, DEPOIS DESVIA O OLHAR, ATRAÍDA PELO SANGUE.

ANNA — Foi todo mundo embora... Você não pode ficar aqui sozinha!

BÁRBARA, MANSAMENTE, COMO NUM GEMIDO, ENTOA LENTAMENTE *CALA A BOCA, BÁRBARA, QUE SERVE DE FUNDO ÀS PALAVRAS DE ANNA.*

ANNA — Se eu ainda me lembrasse do que senti, quando perdi pela primeira vez o homem que eu amei, talvez pudesse te dizer alguma coisa... Mas foi há tanto tempo... É triste dizer isso, mas nem tenho mais a certeza da cor dos seus olhos... E no entanto eu estremecia de prazer, cada vez que ele me olhava... Como estremeço agora... só de lembrar... Eu nem te conheço direito... Mas talvez seja melhor assim... Senão iríamos lembrar juntas coisas que agora devem

ser esquecidas... Coisas que você tem de esquecer...

BÁRBARA — Eu não vou esquecê-lo. Ele está vivo.

ANNA — Ele morreu.

BÁRBARA (raivosa) — Cadela!

ANNA (meiga) — Ele morreu, Bárbara. Você sabe...

BÁRBARA — Não.

ANNA — Esse sangue...

BÁRBARA — É o sangue de Calabar...

ANNA — Esses braços...

BÁRBARA — São os braços de Calabar...

ANNA — Essas pernas... Aquela cabeça...

BÁRBARA — É tudo de Calabar. São as pernas de Calabar... É a cabeça de Calabar...

ANNA — Eles o mataram.

BÁRBARA — Não. Calabar está vivo.

ANNA — Bárbara!

BÁRBARA (teimosa) — Eles não são capazes de o matar... Eles bem que tentaram destruí-lo, mas não conseguiram... Calabar é mais esperto que todos eles juntos... Calabar é mais valente sozinho que todos esses exércitos que eles comandam... Calabar não se mata assim tão fácil, como um bicho qualquer... Eu não deixo!

ANNA — Vamos para casa.

BÁRBARA — Eu não tenho mais casa.

ANNA — Vem comigo.

BÁRBARA SACODE A CABEÇA, COMO SE DISSESSE NÃO E AO MESMO TEMPO COMO SE QUISESSE AFASTAR PARA LONGE UMA IDEIA QUE TEIMASSE EM DOMINÁ-LA. DEPOIS ENCARA A HOLANDESA.

BÁRBARA — Você é casada?

ANNA — Não.

BÁRBARA — Eu sou... Você tem filhos?

ANNA — Não.

BÁRBARA — Eu sim... Você ama alguém?

ANNA NÃO RESPONDE, MAS OS SEUS OLHOS FICAM FIRMES NOS OLHOS DE BÁRBARA.

BÁRBARA — Eu amo Calabar.

ANNA — Eu sei. Agora vamos...

BÁRBARA — Qual é o teu nome?

ANNA — Anna.

BÁRBARA (como se pronunciasse uma palavra estranha) — Anna...

ANNA — Anna.

BÁRBARA — Anna, para Calabar morrer é preciso que também me matem. Porque eu o amo. Para Calabar morrer, é preciso que também me esquartejem. Porque eu o amo demais... E se me matarem, e se me esquartejarem, se me espalharem aos pedaços por aí, eu morro... Mas mesmo assim Calabar é capaz de continuar vivo...

BÁRBARA COMEÇA A CHORAR MANSAMENTE. BÁRBARA ESTÁ SUJA DE SANGUE E ANNA, ENVOLVENDO BÁRBARA, SE SUJA TAMBÉM.

BÁRBARA — Eu quero Calabar, Anna... (Bárbara acaricia o rosto de Anna)... Tudo o que eu sei é amar Calabar, Anna...

ANNA COMEÇA A CANTAR ANNA E BÁRBARA

ANNA (cantando) — Bárbara,
Bárbara,
Nunca é tarde,
Nunca é demais.
Onde estou,
Onde estás?
Meu amor
Vou te buscar.

ANNA CANTA PARA BÁRBARA E BÁRBARA CANTA PARA CALABAR, MAS CALABAR NESSE MOMENTO TEM O ROSTO DE ANNA.

BÁRBARA (cantando) — O meu destino é caminhar assim
Desesperada e nua
Sabendo que no fim da noite
Serei tua.

AS DUAS ESTÃO ABRAÇADAS, DE JOELHOS, COMO UM CORPO SÓ, LIGADAS PELO SANGUE DE CALABAR.

ANNA (cantando) — Deixa eu te proteger do mal
Dos medos e da chuva
Acumulando de prazeres
Teu leito de viúva.

ANNA E BÁRBARA (cantando) —
Bárbara,
Bárbara,
Nunca é tarde,
Nunca é demais.
Onde estou?
Onde estás?

Meu amor
Vem me buscar.

ANNA (cantando) — Vamos ceder, enfim, à tentação
Das nossas bocas cruas
E mergulhar no poço escuro
De nós duas.

BÁRBARA (cantando) — E vou viver agonizando
Uma paixão vadia
Maravilhosa e transbordante
Feito uma hemorragia.

ANNA E BÁRBARA (cantando) —
Bárbara,
Bárbara,
Nunca é tarde,
Nunca é demais.
Onde estou?
Onde estás?
Meu amor
Vem me buscar.
Bárbara...

AMANHECE. ANNA E BÁRBARA FICAM CAÍDAS. A MÚSICA VAI BAIXANDO. ENTRAM RUIDOSAMENTE EM CENA ALGUNS SOLDADOS HOLANDESES, QUE LOGO SE CALAM, OLHANDO EM VOLTA. BÁRBARA ENCARA O PÚBLICO.

BÁRBARA — Não posso deixar nesse momento de manifestar um grande desprezo, não sei se pela ingratidão, pela covardia ou pelo fingimento dos mortais.

UM ACORDE MARCIAL.

NASSAU (off) — Tu não morres em vão.
Eis um estranho epitáfio
dirigido a estranha gente

de um estranho continente
de contorno incerto
num mapa de imaginação.

Tu não morres em vão,
repito-o, porém, deste meu porto,
como um grito de conforto
a algum estranho herói
de contorno incerto
no porto de um povo de imaginação.

SOLDADO 1 — Calabar.

SOLDADO 2 — *Allcs dat?*

AO FUNDO, O HINO HOLANDESES

NASSAU (*off*) — Eu, Maurício de Nassau-Siegen, con-
de da Casa de Orange, hoje a caminho de
Pernambuco, nas terras do Brasil holandês,
como governador-geral plenipotenciário a
serviço e a mando da Companhia das In-
días Ocidentais

embarco carregado de títulos
e de um compromisso tácito
com o sangue derramado
por desconhecidos.

Eu, Maurício de Nassau,
num tombadilho sombrio
a bordo de uma inconstância,
cambaleando entre as ondas
entre norte, sul e tempestades,
entre medo e coragem,
entre ansiedade e náuseas,
entre bêbado e sonâmbulo,
entre fidalgo e corsário,
governante ou mercenário.
Eu, Maurício simplesmente,
sem nenhuma testemunha
e sem Bíblia nas mãos,

duvido firmemente,
em nome dos Santos Mártires,
que algum dia algum homem
tenha conhecido morte
que não fosse vã.

SOLDADO 3 (segurando um pedaço de Calabar) — Também,
era apenas um negro...

NASSAU (*off*) — Mas tu não morreste em vão.
Embora seja difícil dizer isso
agora que avisto teu mundo
no horizonte verde e vivo
e a paisagem definida
sem qualquer ressentimento
da tua ferida.

NASSAU ENTRA EM CENA.

NASSAU — Não, não morreste em vão.
Ou será em vão que rasguei esses trópicos,
será em vão que adivinhei a terra nova,
será em vão que piso a terra nova,
que beijo a terra que beijavas,
e essas palavras serão vãs
de um holandês sem palavra.

COM A ENTRADA DO CORTEJO DE NASSAU, ANNA
LEVANTA-SE E PUXA O FREVO. NÃO EXISTE PECA-
DO AO SUL DO EQUADOR.

LUZES E GRITOS ALEGRANDO A CENA AO RITMO
DA MÚSICA.

ANNA (cantando) —
Não existe pecado do lado de baixo do
[Equador.
Vamos fazer um pecado, safado, debaixo
[do meu cobertor.

Me deixa ser teu escracho, capacho, teu
[cacho, um riacho de amor.
Quando é lição de esculacho, olhai, sai
[debaixo, que eu sou professor.
Deixa a tristeza pra lá, vem comer, me
[jantar

Sarapatel, caruru, tucupi, tacacá.
Vê se me usa, me abusa, lambusa,
Que a tua cafusa
Não pode esperar.
Deixa a tristeza pra lá, vem comer, me
[jantar

Sarapatel, caruru, tucupi, tacacá.
Vê se me esgota, me bota na mesa,
Que a tua holandesa
Não pode esperar.
Não existe pecado do lado de baixo do
[Equador.

Vamos fazer um pecado, safado, debaixo
[do meu cobertor.
Me deixa ser teu escracho, capacho, teu
[cacho, um riacho de amor.
Quando é missão de esculacho, olhai, sai
[debaixo, eu sou embaixador.

A ORQUESTRA PROSEGUE COM O FREVO RASGADO; MAURÍCIO DE NASSAU É FORTEMENTE ACLAMADO; ACOMPANHA-O UM SÉQUITO DE PINTORES RENASCENTISTAS COM SUAS BOINAS E TELAS, ASTRÔNOMOS COM SUAS LUNETAS, NATURALISTAS CORRENDO ATRÁS DE BORBOLETAS, ARQUITETOS COM COMPASSOS E ESQUADROS, MÉDICOS, ETC. DO OUTRO LADO SURGE UM CLUBE DE FREVO DANÇANDO DESESPERADAMENTE; O CORO RETOMA A LETRA DO FREVO ENQUANTO NASSAU PERCORRE A CENA GESTICULANDO E DANDO INSTRUÇÕES A OPERÁRIOS E ESCRAVOS QUE VÃO MODIFICANDO O CENÁRIO, INTRODUZINDO-LHE NOVAS FACHADAS E ATIRANDO FAIXAS COLORIDAS; QUANDO TERMINA O FREVO TODO O CENÁRIO ESTÁ MODIFICADO. NASSAU É CERCADO POR MORADORES.

MORADOR — O que é que o Príncipe achou do Brasil?

NASSAU — *Un des plus beaux pays du monde.*

MORADORES (ávidos) — Diz mais alguma coisa! Mais!

NASSAU — *Pas de pareil sous le ciel!*

MORADORES (aos pulos) — É o maior! Diz mais!

MORADOR — Suas impressões do Recife...

NASSAU — O trecho mais belo da terra!

CONSULTOR — Não exageremos...

MORADORES (ao berros) — E a mulher brasileira? E a nossa música? E as nossas praias?

NASSAU (desvencilhando-se) — Foi para retratar tanta beleza que eu trouxe pintores comigo. E arquitetos para construir palácios. E astrônomos para contar as estrelas. E botânicos para cheirar as matas. E naturalistas para estudar as aves...

PAPAGAIO — Ôba.

NASSAU — Qual é o seu nome?

PAPAGAIO — Ôba.

NASSAU — Em breve teremos aviários, jardins botânicos e zoológicos, orfanatos, hospitais, o primeiro observatório astronômico e meteorológico do Novo Mundo, que mais... uma universidade...

CONSULTOR — Príncipe, não exageremos...

NASSAU — Minha maior preocupação como governador do Pernambuco é fazer felizes os seus moradores, porque eles são mais da metade da população do Brasil e é aqui que se concentra a quase totalidade dos seus 350 engenhos de açúcar.

PAPAGAIO — Óba.

NASSAU — A minha intenção é fazê-los felizes... sejam eles portugueses, holandeses ou da terra, ricos ou pobres, calvinistas ou católicos romanos e até mesmo judeus.

CONSULTOR — Príncipe...

NASSAU (discursando, para os moradores) — Nós, flamengos, dobramos a espinha do poderio marítimo luso-castelhano e rompemos o monopólio de especiarias das Índias que lhe tinha sido entregue por encíclica papal. Isso só nos foi possível através dos nossos Estados Gerais, da Companhia das Índias e da nova mentalidade religiosa que nos trouxe a Reforma Protestante, libertando-nos da autoridade da Igreja Católica. Mas mesmo assim não vim trazer uma política de repressão. Reduzirei os impostos. Abrirei crédito para os lavradores. Garantirei a portugueses e brasileiros igualdade de direitos com os súditos das Províncias Unidas. E os moradores que, por desgraça de guerra, tiverem perdido suas casas e plantações têm a minha autorização para reocupá-las.

MORADORES — Já ganhou! Viva!

NASSAU — Senhores, a Companhia das Índias Ocidentais, que financiou a campanha das Américas, fecha agora o balanço dos últimos 15 anos com um saldo devedor aos seus acionistas da ordem de 18 milhões de florins. Para corrigir esse estado de coisas, recebi o mandato de governar-vos por cinco anos. Mas pretendo realizar cinquenta anos em cinco.

MORADORES — Viva! Já ganhou!

NASSAU — Vamos ampliar a cidade do Recife e ladrilhar suas ruas. E na ilha de Antônio Vaz

ergueremos uma nova cidade, projetada conforme os mais modernos conceitos de urbanismo, do loteamento ao traçado racional de suas avenidas, desde o embelezamento de seus parques até o escoamento de seus esgotos. E a essa nova e grandiosa cidade permito-me dar o nome de Cidade Maurícia.

MORADORES — Viva ele! Viva!

NASSAU — E para que Recife e Maurícia se unam numa só cidade, darei início à construção de uma ponte monumental sobre o Capibari-be. Pilares de pedra sustentarão esse monumento que nos unirá a todos, solidamente, numa nova era que se inicia. Uma era de paz e desenvolvimento.

MORADORES — Viva! Viva!

CONSULTOR — Príncipe, por falar em paz, o ataque à Bahia...

NASSAU (para o holandês) — Sim, sim, disto falaremos em seguida (para os moradores, retomando a retórica) — Enfim, eu e meus conselheiros desejamos ardentemente mostrar nossa boa vontade para com os moradores de Pernambuco. Teremos os ouvidos atentos para remediar os males que surgirem. Tragam até nós as vossas aflições que tudo faremos para abrandá-las. Que todos se pronunciem sem qualquer constrangimento.

MORADOR (desesperado) — Alteza, há um problema angustiante por aqui, a falta de mulheres! (todos riem, menos o interlocutor). Sim, Alteza, e as poucas de que dispomos: já pegaram a doença do país! (todos riem mais, exceto o interlocutor que prossegue mais desesperado ainda). E já que Sua Alteza permite que eu me pronuncie... sem constran-

gimento... o Recife tornou-se a capital, me perdoe, alteza, a capital... da pederastia!

OS MORADORES, AS GARGALHADAS, EXPLODEM NO FREVO NÃO EXISTE PECADO AO SUL DO EQUADOR. NASSAU, SEGUIDO DO CONSULTOR, DIRIGE-SE AONDE ESTÃO OS PINTORES, ASTRÔNOMOS, ARQUITETOS, ETC. MARCA UM PONTO NO CHÃO COM O PÉ FIRME E CHAMA UM ENGENHEIRO.

NASSAU — Aqui. Aqui devemos plantar a cabeceira da ponte. De pedra, tudo de pedra e da melhor qualidade. Vinte cinco pilares no rio vão sustentar a ponte que se faz assim (descreve com o braço um longo arco) assim, assim, até a outra cabeceira do lado de lá, de pedra, é claro.

ENGENHEIRO — Príncipe, não vai ser fácil. Há um grande espaço do rio que é muito fundo e o resto com a baixa-mar fica seco. O terreno é arenoso...

NASSAU (vendo entrar o Frei) — Frei Manoel do Salvador, estava esperando pelo senhor. De muitas das suas qualidades de homem de letras e de suas virtudes me falaram os moradores de Pernambuco.

FREI — Bondade, Príncipe, bondade...

NASSAU — Gostaria imenso que o senhor viesse morar no meu palácio. Junto a mim, melhor me poderá falar dos anseios da gente desta terra e melhor poderá se dedicar aos seus estudos de latim.

FREI — Muito lhe agradeço, Príncipe, mas não posso. Os moradores necessitam freqüentemente dos meus sacramentos e dos meus conselhos, e não seria justo o andarem-lhe todos atravessando a sua casa e rompendo a sua guarda.

NASSAU — *Ad illustrae figurae fratrem Emmanuelem a Salvatore Religiosum ordinis sancti Pauli de provincia Portugaliae importancia non habet.* Insisto, pois, para que aceite o meu convite.

FREI (volta-se para o outro lado) — Que pessoa maravilhosa! O sangue real de onde procede o inclina ao bem. (para Nassau) Perdão. Mas o Príncipe sabe que eu sou um homem enfermo de corpo e algumas vezes me será necessário estar despido e outras gemer e chorar e não quero que me entrem por a porta, sem bater, seus criados e familiares e me vejam descomposto no traje, o que me seria mui penoso.

NASSAU — Oh...

FREI — Convém que eu viva fora de sua casa, onde todos notem meu modo de proceder e sejam todos fiscais de minha vida e costumes, porque ainda que eu ande a comer meninos...

NASSAU (compreensivo) — Ora, Frei... Por quem sois. Assim sendo, pelo menos venha morar dentro das fortificações. Vou mandar construir-lhe uma casa vizinha ao Palácio (para o engenheiro). Uma casa com oratório aqui para o Frei Manoel.

FREI (após beijar a mão de Nassau, em voz alta) — Está restaurada no Brasil a liberdade de culto, graças ao Príncipe Maurício de Nassau!

PAPAGAIO — Óba.

CONSULTOR — Mas, Príncipe...

NASSAU — Ah, sim, você falou na Bahia. Já chegaram os reforços?

CONSULTOR — Não...

NASSAU — Pois é, a Companhia parece desconhecer que atravessamos o Atlântico e não o Rubicon. Escrivão!

ESCRIVÃO — Sim, Príncipe!

NASSAU — Escreva aí. É para a Companhia das Índias Ocidentais. (para o Consultor) Ou você pensa que eu já não teria atacado a Bahia se eles tivessem mandado a armada que me prometeram? Escrivão!

ESCRIVÃO — Sim, Alteza.

NASSAU — Enderece a carta à Companhia das Índias Ocidentais.

ESCRIVÃO — Já está endereçada, Alteza...

NASSAU (para o Consultor) — Pois se eu conquistei Porto Calvo e desci até Penedo, onde até construímos aquele forte... o Forte... qual foi mesmo o nome que você sugeriu?

ESCRIVÃO — Forte Maurícia, Alteza.

NASSAU — É, Forte Maurícia. Bastava cruzar o São Francisco, descer mais um pouco e atacar a Bahia, não é simples?

CONSULTOR — Sim, Alteza.

NASSAU — Não! Não é simples coisa nenhuma. Porque não basta guerrear e conquistar, é preciso manter e colonizar, entende? E para colonizar precisamos do que? Escravos! Onde diabo está o escrivão?

ESCRIVÃO — Aqui, Senhor. Endereçando a carta à Companhia das Índias Ocidentais.

NASSAU — Não é nada disso! Quero escrever ao Conselho dos Dezenove. (para o Consultor) Entendeu bem? Precisamos de colonos!

ESCRIVÃO — Colonos.

NASSAU — Pego ao Conselho dos Dezenove que me mande os refugiados de guerra alemães que, desterrados e os bens confiscados, se acolhem na Holanda... (interrompe-se para admirar a tela de um pintor) — Que é isso, jovem?

PINTOR — É um quadro futurista, meu Príncipe. Retrata a futura ponte Maurícia.

NASSAU — Ponte Maurícia? Quem foi que deu o nome à ponte?

PINTOR — Fui eu, Senhor. Achei que soava bem.

NASSAU — Original...

ESCRIVÃO (escrevendo) — Original...

NASSAU — Sem colonos as terras não podem ser úteis à Companhia, nem aptas para impedir as erupções do inimigo...

ESCRIVÃO (escrevendo) — Inimigo.

NASSAU — Solicito pois que se abram todas as prisões de Amsterdam e se mandem para cá os galés, para que, revolvendo a terra com a enxada, lavem com suor honesto a anterior infâmia e não se tornem molestos às Províncias Unidas, mas úteis. Maurício de Nassau, Pernambuco, etcetera e tal (interrompe-se diante do astrônomo, que está compenetrado na luneta). Vai chover?

ASTRÔNOMO (surpreso, larga a luneta e olha o céu à maneira dos pescadores) — Sei não, Príncipe. Tem pouca nuvem.

NASSAU — Ótimo. Vamos atacar a Bahia e assim todo o norte do país será nosso. Cansei de pedir reforços, cansei de esperar. Temos trinta navios, 3.600 europeus,

10.000 ameríndios e não vai chover.
Prepararr...

LUZ·EM BÁRBARA E SOUTO, FRENTE A FRENTE.

BÁRBARA — Você no Recife, Sebastião... Você é louco.

SOUTO — Completamente. Louco da cabeça a prêmio por 1.800 florins à sua disposição se quiser me entregar aos seus amigos da língua atrapalhada.

BÁRBARA — Você duvida?

SOUTO — Duvido nada.

BÁRBARA — Você merece.

SOUTO — Mereço sim. Vamos lá, grita... (gritando) Prendam esse homem! Ei! Cães holandeses! Este é o Capitão Souto que vos despachou da Bahia. Ei! Não estão ouvindo? Vai ver que ficaram surdos com os canhões da Bahia... Sou eu, Capitão Souto! Não, assim ninguém entende... Como é mesmo que se diz em flamengo... (rindo) — Prrrendam das Sebastianus Van Soetus... ha ha ha... hein? Como é que se diz matem esse... traidor, já me esqueci como é que se trai em flamengo (Começa a dançar e cantarolar).

O holandês pensou

Que chegava, via e vencia.

Mas acabou

Perdendo as calças na Bahia.

Laiálá Bahia

Laiálá Bahia.

BÁRBARA — Que é que você quer afinal?

SOUTO (agarrando-a) — Vim te levar.

BÁRBARA (explodindo numa gargalhada) — Você?

SOUTO — Vim te levar, Bárbara.

BÁRBARA — Você é louco.

SOUTO (também rindo muito) — Completamente louco da cabeça.

OS DOIS ESTÃO AGORA ABRAÇADOS E SUBITAMENTE SÉRIOS.

BÁRBARA — Está se vendo.

SOUTO — De tanto que tenho pensado em você.

BÁRBARA — Imagino que sim. E no seu amigo Calabar, como é que tem pensado? Como é que tem dormido, Sebastião do Souto?

SOUTO — Pensando em você, Bárbara, em como você tem dormido sem um companheiro. Pensando na falta que lhe faz uma cama no mato, o calor do mato, os canaviais crepitando, o suor no sovaco, a lua vermelha, o banho no riacho, as picadas de muriçoca, e o despertar assustado entre os zumbidos de bala e a bosta dos cavalos.

BÁRBARA — Vá embora, Sebastião...

SOUTO — Vem comigo.

BÁRBARA — Você está enganado. Continuo vivendo para Calabar e o mundo de Calabar é este aqui.

SOUTO — Mundo de quem? Bárbara, o mundo dele é onde eu vivo. Um mundo triste e sujo, mas que é também o mundo de Bárbara.

BÁRBARA — Não, Sebastião, não é mais. Calabar está vivo neste mundo aqui. Foi por um Brasil assim que Calabar sempre lutou. O seu ideal.

SOUTO (afastando-a) — Ora, ideal... o ideal... Que sabem as mulheres dos ideais... Mulher segue o homem pelo cheiro, não pelo ideal.

SOUTO COMEÇA A CANTAR *VOCE VAI ME SEGUIR.*

*Você vai me seguir
Aonde quer que eu vá.
Você vai me servir,
Você vai se agachar,
Você vai resistir,
Mas vai se acostumar.
Você vai me agredir,
Você vai me adorar,
Você vem me pedir,
Você vai se gastar.
E vem me seduzir,
Me possuir, me infernizar.
Você vai me trair,
Você vem me beijar
Você vai me cegar,
E eu vou consentir.
Você vai conseguir
Enfim me apunhalar.
Você vai me velar,
Chorar, vai me cobrir,
Vem me ninar, me nina, nina, menina.*

OS DOIS SE AMAM.

BÁRBARA — Você sabe o que costumava dizer Calabar?

SOUTO — Descansa, mulher. Chega desse assunto...

BÁRBARA — Chega como? E por que é que você acha que estou com você?

SOUTO — Por ele, certamente...

BÁRBARA — Mesmo que eu te olhe no fundo dos olhos, estarei indagando Calabar. Mesmo quando te abraço, estou tateando Calabar. Estou sempre atrás de Calabar. Mesmo que eu me sinta como um bicho que só está vivendo da carniça.

SOUTO — É só isso que você sente comigo?

BÁRBARA — Você mesmo disse. Gosto do cheiro de Calabar... as botinas, a lama, a guerrilha... o gosto do capim misturado com sangue...

SOUTO — A traição.

BÁRBARA — É, a traição. Porque estar com o homem que traiu Calabar talvez seja uma maneira de estar mais perto dele.

SOUTO — Eu te amo.

BÁRBARA — Eu amo Calabar. E sabe duma coisa mais, Sebastião do Souto? Não reconheci em teu corpo o cheiro de Calabar.

SOUTO — Chega, Bárbara. Ele era meu amigo.

BÁRBARA — E confiava em você.

SOUTO — Eu gostava dele. Gostava muito.

BÁRBARA — Ele quem? Já esqueceu o nome?

SOUTO — Mas não me arrependo de ter traído o seu homem, Bárbara. Só me arrependo é de não tê-lo traído por você (tenta se reaproximar) Aí, sim, eu trairia tanto, com tanto mais prazer.

BÁRBARA (repelindo-o) — O meu homem... Diga o nome dele! Até agora você não disse... Por quê?

SOUTO — Bárbara.

BÁRBARA — Diga o nome dele!

SOUTO — Domingos, pronto... está dito!

BÁRBARA — Está com medo? Força, diga!

SOUTO — Já disse... Domingos. Domingos Fernandes Calabar.

- BÁRBARA — Não ouvi.
SOUTO — Calabar...
BÁRBARA — O traidor.
SOUTO — Calabar...
BÁRBARA — O veneno.
SOUTO — Calabar...
BÁRBARA — Como esse nome soa mal na tua boca. Como fica abafado. Calabar na tua boca, como fica sombrio. Diga assim, Sebastião: *Calabar!*
SOUTO — Calabar...
BÁRBARA — Não, Sebastião, é *Calabar*.
SOUTO — É Calabar...
BÁRBARA — Abre bem a garganta, homem, faz AAAA! *CA-LA-BAR!*
SOUTO (gritando) — CALABAR!
BÁRBARA — Cala a boca, Sebastião! Você não aprende a dizer esse nome. Tua língua enrola, Sebastião, você está babando. Você é incapaz de pronunciar Calabar! A voz sufoca, você tropeça. Você é um anão. Você está proibido de dizer Calabar. E não é só você. Estão todos proibidos. O povo está proibido. Eu proibo a História de pronunciar esse nome.
SOUTO — Mas, Bárbara, eu sou quase igual a ele.
BÁRBARA — Você?
SOUTO — Eu também sou traidor, Bárbara. Desde pequeninho, sabe? Eu já durmo traindo, sonho com a traição da manhã seguinte... Gosto de atirar pelas costas... gosto de fazer intriga. Gosto muito de emboscada.

Também adoro jurar, que morra meu pai e minha mãe, só pra quebrar a jura e daí morrer a família inteira. Traio por trinta dinheiros. Traio por convicção. Traio para todos os lados. Traio por trair. Sou traidor de nascimento. Nasci na Baía da Traição, Paraíba.

- BÁRBARA — Pobre Sebastião, você não sabe o que é trair. Você não passa de um delator. Um alcagüete. Sebastião, tira as botas. Põe os pés no chão. As mãos no chão, põe, Sebastião, e lambe a terra. O que é que você sente? Calabar sabia o gosto da terra e a terra de Calabar vai ter sempre o mesmo sabor. Quanto a você, você está engolindo o estrume do rei de passagem. Se você tivesse a dignidade de vomitar, aí sim, talvez eu lhe beijasse a boca. Calabar vomitou o que lhe enfiaram pela goela. Foi essa a sua traição. A terra e não as sobras do rei. A terra e não a bandeira. Em vez da coroa, a terra.

BÁRBARA COMEÇA A CANTAR *TIRA AS MÃOS DE MIM.*

- BÁRBARA (cantando) — *Ele era mil
Tu és nenhum
Na guerra és vil
Na cama és mocho.
Tira as mãos de mim
Põe as mãos em mim
E vê se o fogo dele
Guardado aqui
Te incendeia um pouco
Éramos nós
Estreitos nós
Enquanto tu
És laço frouxo.
Tira as mãos de mim
Põe as mãos em mim*

*E vê se a febre dele
Guardada aqui
Te contagia um pouco.
Por três tostões
Ganhaste um par.
Hoje, estás só,
Eunuco e coxo.
Tira as mãos de mim,
Põe as mãos em mim.
Vendeste um teu amigo
Até o fim.
Agora leva o troco.*

SILÊNCIO. LUZ NO FREI. UMA GRANDE MESA SERVE PARA POUSAR OS PARAMENTOS, O EVANGELHO E O CÁLICE. OS MORADORES ACOMPANHAM A CERIMÔNIA.

FREI — Ouvi. Ouvi. Ouvi e estai atentos. Real, Real, Real, por o Senhor Dom João Quarto, rei de Portugal.

MORADORES— Real, Real, Real, viva Dom João Quarto, rei de Portugal.

FREI — Meus irmãos. Agradeçamos mais uma vez à Divina Providência, pois foi por sua intercessão que se restaurou o trono de Portugal. *Oremus.* Dom João Quarto está sendo aclamado em todas as colônias portuguesas como legítimo soberano de nossas vidas. Findaram-se os duros tempos de sujeição ao arbítrio da coroa de Castela. *Deo Gratias.*

MORADORES— Amém.

FREI ERGUE O CÁLICE E MURMURA UMA ORAÇÃO INCOMPREENSÍVEL. NASSAU INTERROMPE A CERIMÔNIA, APROXIMANDO DO VASO SAGRADO UMA TAÇA DE VINHO.

NASSAU (eufórico) — Brindemos juntos à Restauração. Viva Dom João Quarto, rei de Portugal.

FREI (sem jeito, com seu cálice sagrado) — Viva... Dom João Quarto, Rei de Portugal.

MORADORES (indecisos) — Viva... Amém...

NASSAU (aos moradores) — Mais forte, vamos! Viva Dom João Quarto, rei de Portugal!

MORADORES— Viva!

NASSAU — Bebamos todos! Este é um brinde comum a todos nós, holandeses, portugueses e brasileiros!

ENTRAM HOLANDESES COM GARRAFAS DE VINHO QUE VÃO SENDO DISTRIBUÍDAS ENTRE OS MORADORES.

FREI (encabulado e assustado com a balbúria que se inicia) — É que... Alteza, estávamos celebrando a Santa Missa. De ação de graças, mas santa.

NASSAU — Oh, perdão, Frei (para os moradores) — Não considerem minha presença nesta cerimônia católica romana como uma intromissão profana, mas sim como uma comunhão com todos os moradores do Brasil nesta ação de graças (serve-se de vinho) Viva Dom João Quarto, rei de Portugal.

MORADORES— Viva!

OS HOLANDESES DESCOBREM AS CABEÇAS, LEVANTAM-SE E VIRAM SEUS COPOS DE VINHO NUM SÓ GOLE. DEPOIS SENTAM-SE. OS MORADORES, QUE BEBEM VINHO NO GARGALO OBSERVAM ESSE RITUAL COM CURIOSIDADE E ACHAM GRAÇA. ALGUNS, MAIS À VONTADE, APROXIMAM-SE E SENTAM-SE À MESA COM OS HOLANDESES.

NASSAU — A guerra entre Holanda e Portugal nunca existiu. Durante todos estes anos tivemos ambos um inimigo comum: A Espanha. A

ávida Castela dos Felipes que, não satisfeitos de humilhar Portugal, pretendiam estender suas garras imperialistas até os Países Baixos. Queriam ocupar o trono da Holanda e conquistar o mundo, os Felipes. Mas a restauração de Portugal vem marcar o início de um novo tempo. E o fim de um longo equívoco (abraça o Frei e enche os dois cálices) — Viva Dom João Quarto, rei de Portugal!

NOVAMENTE OS HOLANDESES DESCOBREM SUAS CABEÇAS, LEVANTAM-SE E VIRAM SEUS COPOS GUELA ABAIXO. ALGUNS MORADORES IMITAM-NOS. AO FUNDO, ANNA E BÁRBARA; ANNA RI, BEBE MUITO E OBRIGA BÁRBARA A BEBER TAMBÉM.

NASSAU — É o fim das privações! É o fim dos incêndios em nossas plantações, pois mesmo aqueles que, por excesso de zelo ou fanatismo, não tinham ainda aceitado a paz holandesa no Pernambuco, perdem a partir desta data o direito e a motivação para a luta e a devastação. O acordo entre Portugal e Holanda breve será um fato. E com isso pouparemos preciosas vidas humanas. E com isso colheremos preciosas safras de cana. Viva Dom João Quarto, rei de Portugal!

TODOS LEVANTAM-SE, ENTORNAM E SENTAM-SE, MUITOS JÁ VISIVELMENTE ALCOOLIZADOS.

NASSAU — Pretendo festejar esta data com acontecimentos que ligarão a noite com o dia e jamais se perderão na memória do povo. Ao povo, todos os licores e manjares que o fígado permitir! E teatros, quadrilhas, cavalhadas. Finalmente, prometo nestes dias de festa inaugurar a tão ansiada ponte que unirá Recife à Maurícia...

GRANDE ALGAZARRA, GARGALHADAS, INTERROMPENDO NASSAU.

NASSAU — O que há?

FREI (contendo o riso) — Perdoe, Alteza, é brincadeira do povo. Eles não tem muita fé nesta ponte... Dizem que é mais fácil um boi voar...

NASSAU — Ah, sim? Um boi voar? Ha ha ha! Pois terão as duas coisas!
Viva Dom João Quarto, rei de Portugal!

TODOS LEVANTAM-SE, BEBEM, ETC. A ORGIA PROSEGUE. NASSAU AFASTA-SE EM DIREÇÃO À PONTE E DÁ ORDENS AO ENGENHEIRO.

NASSAU — ...vão concluir esta maldita ponte e é pra já. Com dinheiro do meu bolso! (para o Consultor) — Como é?

CONSULTOR — Bem, Alteza, a trégua já foi assinada entre Portugal e Holanda, mas só entrou em vigor para a metrópole. As colônias devem esperar pela ratificação...

NASSAU — Quanto tempo?

CONSULTOR — Três, quatro meses... O tempo necessário para que certas medidas possam ser tomadas.

NASSAU — Fale.

CONSULTOR — Não quero ser indelicado. Mas a Companhia está se ressentindo de algumas atitudes de sua Alteza. Tanto no plano político como no econômico. Seria o momento de pescar em águas turvas e clarear a sua posição.

NASSAU — Você está sugerindo...

- CONSULTOR — Que algumas conquistas aos portugueses, seriam vistas com bons olhos pelos Estados Gerais.
- NASSAU — Muito bem. Enquanto não ratificam o tratado estamos oficialmente em estado de guerra aqui. Envie imediatamente uma frota para dominar o Maranhão.
- CONSULTOR — Uma sábia medida.
- NASSAU — Espere. Antes disso mande uma armada para a Angola portuguesa. Necessitamos de mais escravos.
- CONSULTOR — Para as plantações.
- NASSAU — E para ampliar a Cidade Maurícia. Novas pontes...
- CONSULTOR — Príncipe... Essas pontes não são rentáveis para a Holanda.
- NASSAU — Faça o que eu lhe disse. Por enquanto ainda sou eu quem manda. Estou pronto para qualquer conquista, mas quero governar a meu modo. (dirigindo-se para a ponte) Está pronta?
- ENGENHEIRO — Provisoriamente, Alteza. Não está grande coisa... faltou pedra... emendamos umas tábuas...
- NASSAU — Mas já se pode atravessar?
- ENGENHEIRO — Sim, Alteza.
- NASSAU — Então é uma ponte. Espera. Grava a divisa de Maurício de Nassau na pedra da cabeceira com as palavras *Qua patet orbis* — "vasta como o universo". (para o papagaio) Gostou. Ôba?
- PAPAGAIO — Ôba.

OS MORADORES SE APROXIMAM DA PONTE, DESCONFIADOS, ENTUSIASMADOS OU SIMPLEMENTE BÊBADOS.

- NASSAU — Moradores do Recife, preparai os olhos para dois espetáculos impossíveis. A ponte que os leva a Maurícia e o boi que voa.

MORADORES — Viva o flamengo!

SÚBITO A ORQUESTRA ATACA A MARCHINHA *BOI VOADOR NÃO PODE*. SURGE UM IMENSO BOI SOBREVOANDO O PALCO E A PLATÉIA. OS MORADORES E OS HOLANDESES, ESPANTADOS E MARAVILHADOS AO MESMO TEMPO, CORREM, PULAM, RIEM, BEBEM, DANÇAM E CANTAM.

NASSAU E CORO (cantando) —

*Quem foi que foi,
Que falou no boi voador.
Manda prender esse boi,
Seja esse boi o que for. (bis)
O boi ainda dá bode.
Qualhé a do boi que revoa?
Boi realmente não pode
Voar à toa.
É fora, é fora, é fora,
É fora da lei,
É fora do ar,
É fora, é fora, é fora.
Segura esse boi.
Proibido voar.*

- CONSULTOR — Alteza. Devo insistir que lá na metrópole se comenta muito essa ponte...
- NASSAU — Ouviste ponte? Que responsabilidade! Já representas a imagem do Brasil na Europa!
- CONSULTOR — Imagem discutível, Príncipe. A obra já superou duas vezes o orçamento, sem contar

- que, em acidentes de trabalho, já morreram cinco vezes mais homens do que o previsto. A Companhia está melindrada, Alteza, sobretudo porque não foi sequer consultada para a sua construção.
- NASSAU — Mas olhe bem e diga. É ponte para calvinistas nenhum botar defeito.
- FREI — Ah, isso eu não sei...
- NASSAU — Frei Manoel! Não se esqueça de que continuo calvinista convicto.
- CONSULTOR — Talvez não o suficiente.
- NASSAU — Como disse?
- CONSULTOR — Pelo menos há na Holanda calvinistas bem mais ferrenhos, que não vêm com bons olhos certas liberalidades que andam acontecendo por aqui... (para o Frei)... certas intimidades.
- FREI — O povo desta terra é católico romano e mui sábio é o Príncipe Maurício em permitir que se lhes pregue o Evangelho.
- CONSULTOR — Mas em Amsterdam há quem encare qualquer tolerância com o Papado como um conchavo com a Grande Meretriz da Babilônia.
- FREI — Senhor!
- NASSAU — E que mais dizem?
- CONSULTOR — Tantas outras coisas. Souberam com escândalo que aqui se dá liberdade aos judeus como em nenhuma outra parte do mundo. E que, aproveitando-se disso, os cristãos novos que fugiram da Inquisição na Europa, aqui se circuncidam em praça pública, ufanando-se de se declararem novamente judeus.

- FREI — Isto é realmente deplorável.
- CONSULTOR — Estranho que um português deplora isto. Dizem os espanhóis que o português nasceu da ventosidade de um judeu.
- NASSAU — Um momento! Não se esqueça que o Frei Manoel é hóspede meu (pausa). Continue.
- CONSULTOR — Há quem ache injusto que a Companhia das Índias Ocidentais arque com a totalidade das despesas de guerra e de ocupação, enquanto judeus, comerciantes livres e contrabandistas ficam com todos os lucros.
- NASSAU — O Brasil holandês só alcançará prosperidade duradoura se for convenientemente colonizado. Nenhum colono emigrará para uma região em que não possa comerciar livremente e se estiver à mercê de um monopólio rígido e açambarcador. A indústria do açúcar depende dos moradores portugueses e brasileiros. E isso só será possível honrando as condições accitas por ocasião de sua rendição.
- FREI — É verdade.
- NASSAU — Querem restabelecer o monopólio? Que o façam. É o mais fácil caminho para ruína da Companhia. Saiba que os moradores preferem abandonar a região a derramar o seu suor em benefício da Companhia, sob um regime de escravidão semelhante ao dos negros. Os lavradores portugueses são pobres como Job, mas orgulhosos como Braganças.
- CONSULTOR — Sim, Alteza, mas o fato é que se nota uma certa apreensão em certas áreas da Companhia e do Conselho dos Dezenove. Principalmente depois que fracassou a expedição à Bahia...

NASSAU — E podia não fracassar? A Bahia não é nenhum gato que se possa pegar sem luvas. Com que navios, com que homens, com que esperança se eles não mandam ajuda... Espera um pouco. Afinal você está aqui ou lá?

CONSULTOR — Um pé em cada continente. O que me deixa em posição delicada... vulnerável.

NASSAU — Pois ponha de vez os pés neste chão e veja o que estamos realizando, mesmo sem auxílio de lá. As novas ruas, os arcos do Recife, o Jardim Botânico... A Companhia não sabe que efetuamos, com sucesso, pela primeira vez na História, um transplante de coqueiro. Sabe?

CONSULTOR — Não, Senhor. E não lhe interessa.

NASSAU — Como também não sabe que, por falta de víveres, até os ratos morrem de fome em nossos armazéns. Mas não importa. Diga ao Conselho dos Dezenove que o céu aqui é diferente. Não tem a Polar, mas nosso observatório já se familiarizou com uma cruz de cinco estrelas que lá não tem. Escrivão! Não diga à Companhia das Índias que ela se esqueceu da remessa e que estamos há três meses sem comer carne. Diga apenas que Maurício de Nassau introduziu a cultura do fumo, da mandioca e de outras plantas que não adianta citar porque eles não conhecem. Diga que há algo mais do que cana para se colher. Escrivão! Diga à Companhia das Índias Ocidentais que a monocultura é um atraso de vida!

ESCRIVÃO — Sim, Senhor.

NASSAU — Que mais? Conte que o povo de Pernambuco, que tem em Santo Antônio, seu santo de maior devoção, já estima tanto seu

príncipe, que Maurício de Nassau é conhecido vulgarmente como Príncipe Santo Antônio! Não, é melhor não dizer isto.

ESCRIVÃO — Não.

CONSULTOR — Melhor não.

NASSAU — Mas diga que a cada dia nasce uma nova obra de arte, decifra-se o mistério de uma ciência, descobre-se algo...

MÉDICO (entrando às pressas) — Alteza! Alteza!

NASSAU — O que foi que descobriste hoje?

NASSAU — A cura da gonorréia.

CONSULTOR — Ah, isso é magnífico!

NASSAU — Gostou, hein? Não lhe disse? (para o médico) Qual é a fórmula?

MÉDICO — Simples, meu Príncipe. Mastigando-se frequentemente a cana e engolindo-se o suco, sem nenhum outro medicamento, fica-se curado dentro de oito dias (Consultor toma das mãos do médico um maço de cana, Nassau toma outro, põem na boca e começam a mastigar: o médico oferece ao Frei, que discreta e maliciosamente, recusa).

NASSAU (mastigando) — Notável... Que seria de nós sem a cana-de-açúcar.

CONSULTOR (mastigando) — E do jeito que vêm agindo os incendiários portugueses, em breve não nos restará um só canavial.

FREI — Perdão, Senhor, mas nas guerras de represália os soldados flamengos também têm ateado muito fogo.

TODOS SE ENCAMINHAM PARA O FUNDO; ARRANJO ORQUESTRAL DE *TIRA AS MÃOS DE MIM*. SOUTO E

BÁRBARA ENTRAM LENTAMENTE, CADA UM DE SEU LADO DO PALCO.

CONSULTOR — E quem mais sofre com isso são as finanças do país.

FREI — Quem mais sofre são os lavradores.

CONSULTOR — Que só porque colaboram conosco, enfrentam quando menos esperam as hordas desses índios catequisados pelo inimigo.

FREI — Quando não são devorados pelos tapuias, Senhor, que se dizem fiéis aos flamengos, mas não passam de brutos animais. E bem se deixa ver claramente a raiz desta má progênie em sua língua, na qual não tem *L*, nem *R*, nem *F*, que é gente que não tem *Lei*, nem *Rei*, nem *Fé*.

A ORQUESTRA COBRE O RESTO DO DIALOGO. SOUTO E BÁRBARA, SOZINHOS, ABRAÇAM-SE.

BÁRBARA — Vamos, Sebastião.

SOUTO — Pra onde?

BÁRBARA — Para casa.

SOUTO — Casa. Que casa?

BÁRBARA — Qualquer uma. Qualquer casa. A gente inventa uma casa.

SOUTO (rindo) — Imagine, eu numa casa...

BÁRBARA — De repente me passou pela cabeça...

SOUTO — De repente chega o inimigo, desmonto a casa correndo, monto a casa lá longe, volta o inimigo...

BÁRBARA — Que inimigo, Souto. Não existe mais inimigo.

SOUTO — Não existe mais, é?

BÁRBARA — Não.

SOUTO — Não?

BÁRBARA — Você não ouviu? Ninguém é mais inimigo de ninguém.

SOUTO — Como ninguém é inimigo? Eu sou.

BÁRBARA — De quem você é inimigo?

SOUTO — De todos. Eu sou o inimigo. Por enquanto, sou inimigo dos holandeses.

BÁRBARA — Mas Sebastião, os portugueses já são amigos da Holanda.

SOUTO — Então eu sou inimigo dos portugueses. Até acho bom, pois já faz tempo que estou do mesmo lado.

BÁRBARA — Sebastião, você não soube da paz?

SOUTO — Não, a paz não existe. E se existir eu acabo com ela.

BÁRBARA — Sebastião, você deve estar brincando...

SOUTO — Você é que deve estar brincando. Ou espera que eu acredite que, de repente inventaram a paz. Uma pombinha branca num céu de veludo. Eu a esgano... Com que direito inventam a paz dos outros? Pra depois inventar outra guerra. E todo o mundo fica de repente em pé de guerra. Assim sem mais nem menos... Sebastião do Souto faz a guerra por conta própria, sem precisar ninguém mandar, sem precisar de desculpas, sem precisar de ideais. E quando encher o saco da guerra, Sebastião inventa a paz, ou vai morrer em paz, quem sabe até numa casa pintadinha de branco, com carneirinho na porta e uma chaminé com fumaça azul...

BÁRBARA — A tua guerra não tem mais sentido.

SOUTO — Qual é a guerra que tem sentido?

BÁRBARA — A de Calabar tinha.

SOUTO — Você acha?

BÁRBARA — Sebastião, eu sei que é difícil para você. Calabar também era um homem de guerra. Talvez nunca se acostumasse a dormir entre quatro paredes, num colchão de fato, longe do perigo e sem inimigo a lhe interromper o sono. Mas a guerra para Calabar tinha um sentido preciso. A tua guerra não interessa a ninguém.

SOUTO — A minha guerra só interessa a mim mesmo.

BÁRBARA — Eu sei.

SOUTO — Não, você não sabe. E eu não presto contas do meu sangue. Toda guerra, só interessa a quem a faz. Eu gosto da guerra. E sabe de uma coisa, Bárbara, eu não te agüento mais ouvir falar de Calabar, da sua guerra e das suas ilusões. Ninguém agüenta mais. Calabar, Calabar, Calabar. Antes eu quase tinha me arrependido de o ter traído. Mas agora não. É porque você encheu tanto a boca com Calabar que estou contente de o ter levado até o cadafalso. Eu me orgulho de ter traído Calabar. Porque eu entendo melhor Calabar que ninguém. E talvez ele fosse também o único que me pudesse entender. E se estivesse vivo diria o mesmo que eu agora. Gritaria como eu: a paz é falsa. A guerra continua e vai continuar e as pessoas vão continuar se matando, se torturando, se endoidando. Se Calabar estivesse vivo, se eu o não tivesse assassinado com as minhas falas e com os meus sorrisos e com a minha inveja e com

tudo do que me orgulho, Calabar ia encher a boca com as mesmas palavras, com as minhas palavras.

BÁRBARA — É mentira.

SOUTO — Eu mentir? Isso é muito pouco para Sebastião Souto. Não. Nos meus lábios, a verdade dói mais e você está sentindo isso na carne, Bárbara.

BÁRBARA — Você está louco.

SOUTO — Com a graça de Deus.

BÁRBARA — Então vai se matar.

SOUTO — E por que não?

BÁRBARA — Foge para o mato, vai, vá se masturbar... Você não entendeu: era amor o que estava te propondo.

SOUTO — Não podia haver proposta mais sórdida... E até talvez você traga uma carta de algum comandante amigo seu... Quem sabe, uma anistia...

BÁRBARA — Eu não trouxe nada...

SOUTO — Você está fedendo a palácio. Bárbara. Puta de palácio.

BÁRBARA — Imbecil.

SOUTO — Você está me atraindo para uma cilada. Desde o começo que você está me atraindo para eles e nem sequer está sabendo. Você está traindo, Bárbara e nem sequer está tendo na boca o doce gosto da traição.

BÁRBARA — Eu não estou traindo ninguém.

SOUTO — Você está me dando pena... Engatinhando na traição, nos cueiros da traição...

Pobre Bárbara. E em nome de que, de quem? De Calabar.

BÁRBARA — Eu já lhe proibi de dizer esse nome.

SOUTO — E quem é você pra me dizer isso? Calabar (gritando) CALABAR!

BÁRBARA — Cala a boca.

SOUTO (gritando mais forte) — CALABAR, CALABAR!... Só eu tenho o direito de dizer esse nome... (vai-se afastando, o fuzil na mão). Só eu conquistei esse direito, porque só eu fui mais longe dentro dos mesmos matos, com tanta volúpia. Só eu tenho a coragem de Calabar, sem a sua hipocrisia... (vão aparecendo alguns soldados holandeses). Eu tenho os culhões de Calabar... Tenho o teco de Calabar.

BÁRBARA — Cuidado.

SOUTO (rindo) — Cuidado?

SOUTO LEVA UM TIRO, MAS NÃO CAI.

SOUTO — ... Ah! cães holandeses... A todos vós hei de tirar as vidas, porque eu sou o Capitão Souto, que tantas vezes vos tenho feito fugir em Pernambuco e Bahia...

LEVA OUTRO TIRO E CAI ATIRANDO.

SOUTO — ... Aqui eu fico, mas se além disso fazeis ainda questão de saber qual é a minha pátria (uma vez que em nossos tristes dias é como que uma prova de nobreza notificar o público o lugar no qual demos os nossos primeiros vagidos), ficai sabendo que não nasci na ilha natante de Delos, como Apolo, nem na espuma do agitado oceano, como Vênus. Eu nasci foi mesmo na Baía da Traição, onde a natureza não tem necessidade

alguma da arte... E se o que agora eu digo pode parecer um elogio, é porque o considero como tal, sem precisar dos outros para isso. E se morro sem poder trair no meu último instante, ainda assim eu não me desmereço, e morro me traindo, porque morro dizendo que te amo, Bárbara. (morre)

BÁRBARA — Sebastião... Calabar...

ANNA APROXIMA-SE DE BÁRBARA QUE CHORA SOBRE O CORPO DE SOUTO: A ORQUESTRA TOCA EM FUNDO ANNA DE AMSTERDAM.

ANNA — De todos os amores, o mais forte é sempre o último. Agora você entende, não é?

BÁRBARA — É isso que me entristece...

ANNA — Coragem.

BÁRBARA — Essa coragem é que me assusta. A de querer continuar viva.

ANNA (cantando) — *Fui amada por mil homens
Com milhares de ideais,
Mas na lista dos seus sonhos
Eu fiquei sempre pra trás.*

*O milésimo primeiro
Fiz de mim a principal,
Mas era um pobre fuleiro
Que não tinha ideal.*

ANNA — É, mulher não tem nada a ver com homem. O homem é antes de tudo um forte. Você sabe como é. Passa duas semanas na guerra, chega em casa, puxa uma espada deste tamanho, aí você diz, bem, chegou a minha vez, me estoca, e ele só dando tiro pro ar... Daí você tira a roupa e ele fica todo excitado, mas não é porque você está nua, é porque ele acertou um índio e vai por aí, e te confunde com um índio e te dá uma

paulada e te confunde com o carrasco e te pede para bater nele até cansar e dorme e ronca e você cotuca ele (cotuca Souto)... E ele nada, sozinho. Vamos, homem, acorda... (cotuca Souto)... Dá-lhe macho, cadê tua espada?

BÁRBARA — Anna...

ANNA — Dia seguinte ele acorda satisfeito como se tivesse feito proezas. Veste a farda, faz continência e volta para a guerra. Vamos, Bárbara. Uma mulher precisa de carinho, dengo, cosquinha...

ANNA (cantando) — Bárbara,
Bárbara,
Nunca é tarde,
Nunca é demais.
Onde estou?
Onde estás?
Meu amor,
Vim te buscar.

ANNA — ... Sim?

O CORO ACOMPANHA ANNA EM VENCE NA VIDA QUEM DIZ SIM.

ANNA E CORO — Vence na vida quem diz sim.
Vence na vida quem diz sim.
Se te doi o corpo,
Diz que sim.
Torcem mais um pouco,
Diz que sim.
Se te dão um soco,
Diz que sim.
Se te deixam louco,
Diz que sim.
Se te babam no cangote,
Mordem o decote,
Se te alisam com o chicote,
Olha bem pra mim.

Vence na vida quem diz sim,
Vence na vida quem diz sim.
Se te jogam lama,
Diz que sim.
Pra que tanto drama,
Diz que sim.
Te deitam na cama,
Diz que sim.
Se te criam fama,
Diz que sim.
Se te chamam vagabunda,
Montam na cacunda,
Se te largam moribunda,
Olha bem para mim.
Vence na vida quem diz sim,
Vence na vida quem diz sim. (everybody)
Se te cobrem de ouro,
Diz que sim.
Se te mandam embora,
Diz que sim.
Se te puxam o saco,
Diz que sim.
Se te xingam a raça,
Diz que sim.
Se te incham a barriga
De feto e lombriga,
Nem por isso compra a briga,
Olha bem pra mim.
Vence na vida quem diz sim,
Vence na vida quem diz sim.

ANNA PARAMENTA BÁRBARA AUXILIADA POR ALGUMAS ESCRAVAS NEGRAS.

ANNA — Olha que pano bonito... (é um estampado que ela logo joga fora). Não. Este aqui vai melhor com o tom da tua pele... ou este aqui... Não sei... O que é que você acha? (para uma escrava) Me dá aí uns alfinetes

(para outra). Escova desse jeito... assim (toma a escova das mãos da escrava, mostra, devolve). É preciso que esses cabelos fiquem brilhando... (pega dois tecidos acetinados, um amarelo e um vermelho). Um desses dois... Qual o que você prefere?

BÁRBARA — Tanto faz..

ANNA — Como, tanto faz? Te olha no espelho (para a escrava que segura um imenso espelho) Aproxima um pouco, aí... Então?

BÁRBARA (desinteressada) — Não sei.

ANNA (decidida) — O vermelho. É mais alegre.

BÁRBARA — É?

ANNA (desanimada) — Você não está dando atenção...

BÁRBARA — Desculpa.

ANNA — Você pode ter tudo, é só querer...

BÁRBARA — Eu não quero nada.

ANNA — Mas eu quero, por você... Quando acabar de arrumar... (súbito Anna para, desanimada com a negligência de Bárbara) — Porque é que você insiste em ficar assim? Não vê que não adianta... Para as coisas terem sentido é preciso a gente poder pegar nelas, ser pegada, morder, beijar, sei lá... só assim é que tem um sentido, mesmo se machucam... não faz mal... o resto não vale nada. O que é que valem os grandes gestos, as grandes palavras, as grandes intenções... ah, o homem é mesmo uma merda. Bárbara, esquece.

BÁRBARA — Não consigo

ANNA — Tem que conseguir (recomeça a arrumar Bárbara).

BÁRBARA — Já me disseram isso.

ANNA (desenvolta) — Um homem de vez em quando, vá lá... Mas só muito de vez em quando, não é preciso exagerar. É usar e jogar fora, pronto.

BÁRBARA (sorrindo) — Se fosse assim...

ANNA (exagerada) — Finalmente... puxa. Tirou a carranca e mostrou os dentes (meiga). São lindos (noutro tom) — É assim mesmo.

BÁRBARA — Não é, não.

ANNA — É sim. Basta querer ser bonita, graciosa, rir muito, divertir-se e não fazer perguntas tolas.

BÁRBARA — Fácil...

ANNA — Muito.

BÁRBARA — E vale a pena?

ANNA — Compensa. É claro que os homens da terra... são fogosos, sabe? Não podem ver mulher, sabe? Mas na hora das coisas só querem saber é do teu rabo... E toca a te virar (pausa). Negócio de homem é homem mesmo.

ANNA RI MUITO. BÁRBARA CONTINUA SÉRIA. NUM GESTO DE DESESPERO, ANNA DESMANCHA O PENTEADO DE BÁRBARA. EM SEGUIDA RECOMEÇA A PENTEÁ-LO, DISPENSANDO AS ESCRAVAS. BÁRBARA COMEÇA A CANTAR FORTALEZA.

BÁRBARA (cantando) — *A minha tristeza não é feita de angústias.*

A minha tristeza não é feita de angústias,

A minha surpresa,

A minha surpresa só é feita de fatos,

*De sangue nos olhos e lama nos sapatos.
Minha fortaleza,
Minha fortaleza é de um silêncio infame,
Bastando a si mesma, retendo o derrame
A minha represa.*

- ANNA — O que há com você?
- BÁRBARA — Dois homens.
- ANNA — E daí? Você amou um, agora ama outro...
Acontece que o segundo traiu o primeiro... Não tem nada demais. Os dois morreram. Está tudo certo.
- BÁRBARA — Não é bem assim. Eu me orgulho de um traidor e a traição do outro me repugna.
- ANNA — Quem trai, trai. Não faz diferença.
- BÁRBARA — Não?
- ANNA — Não.
- BÁRBARA — Também já pensei desse jeito... Misturei Sebastião do Souto e Calabar, traí um pelo outro, misturei as traições, misturei os corpos, misturei tudo, fiz de tudo uma passoca e mergulhei com prazer nessa pasta toda... De um certo modo eu estava feliz e me sentia mesmo vaidosa de estar traindo Calabar e a sua traição, como mulher, de todo jeito, de estar dentro da traição, de viver dentro da traição e de amar dentro, se tudo o que me davam era traição... Mas não é verdade, Anna. É Anna?
- ANNA — Não sei...
- BÁRBARA — Não é. Tudo isto aqui em volta, tudo continua a rodar sem eles. Tudo isso que fez Calabar trair... Sebastião enlouquecer...

Não valia a pena morrer por isto. Holandeses, portugueses, não valia a pena ter morrido por nada disso. Ha... Calabar... Queria que Calabar estivesse vivo, só para ter uma idéia do que se chama traição. Porque Calabar se enganou, mas nunca enganou ninguém. Sebastião sim. Tudo o que Calabar disse e fez, foi de peito aberto, às claras, sem mentiras. Sebastião, não. Se é necessário chamar Calabar de traidor, que chamem Sebastião do Souto de herói.

- ANNA — Você ainda ama os dois.
- BÁRBARA ESTÁ TODA ENFEITADA. ANNA RECUA
ALGUNS PASSOS PARA ADMIRÁ-LA.
- ANNA — Você está linda... Louca e linda. Eu te amo, Bárbara. (gritando) Eu te amo...
- BÁRBARA, FREI, O CONSULTOR E NASSAU. SÃO DUAS CENAS SIMULTÂNEAS, UMA SE IMOBILIZANDO PARA DAR LUGAR A OUTRA.
- BÁRBARA — Padre... Padre Manoel do Salvador!
- FREI — Ele mesmo...
- BÁRBARA — Tá me reconhecendo?
- FREI (evasivo) — Me lembro de a ter visto.....
- BÁRBARA — Por aí... O meu nome. Sabe o meu nome?
- FREI — Devia?
- BÁRBARA — Não. Padre, eu quero lhe confessar...
- FREI — Bem, amanhã...
- BÁRBARA — Agora.
- FREI — Aqui...

BÁRBARA — Aqui.

FREI — Para receber os sacramentos...

BÁRBARA — Eu não quero receber nada.

FREI (surpreendido) — Eu pensei...

BÁRBARA — Só quero que me responda: O que é que o Senhor, Padre, está fazendo com os holandeses?

FREI — Não vejo porque lhe havia de responder...

AFASTA-SE ALGUNS PASSOS.

BÁRBARA — Padre! O meu nome é Bárbara.

FREI OLHA-A ATENTAMENTE:

BÁRBARA (irônica) — É, Bárbara...

FREI (indeciso) — A Bárbara...

BÁRBARA — Essa mesma... Não dá pra reconhecer, né?

FREI TEM UM GESTO EVASIVO.

BÁRBARA — Estou bonita?

FREI — Diferente.

BÁRBARA — Acertou. Diferente. E o Padre, está igual?

FREI — Sempre o mesmo... e com Deus.

BÁRBARA — Padre, eu queria saber uma coisa... É muito importante...

FALA BAIXO, COMO SE TIVESSE MEDO DE SER OUVIDA, MAS A INTENÇÃO DE DEBOCHE É EVIDENTE.

BÁRBARA — ... Como é que o Senhor faz para ser sempre o mesmo... Com os portugueses...

depois com os holandeses, com os portugueses, outra vez com os holandeses... Como é que faz com a sua consciência?

FREI — Você está bêbada.

BÁRBARA SOLTA UMA GARGALHADA.

BÁRBARA — E Deus proíbe falar com uma bêbada... É isso, Padre?

FREI — Não, Deus não proíbe, mas o bom senso, sim.

BÁRBARA — Padre. Se um dia o rei me chama e manda matar o vizinho e eu mato... E depois o rei morre, vem um novo rei e diz que o vizinho tinha razão... Como é que eu faço? Se o rei tem sempre razão?... Me confesso?... Esqueço?... E o morto, Padre? O que é que a gente faz do morto?

FREI — Você...

BÁRBARA — Eu sei... estou bêbada. O mundo é perfeito, os reis não tem defeitos e eu estou bêbada. E Calabar morto.

FREI — Porque merecia.

BÁRBARA — É... porque acreditava no holandês... E agora o Padre está aí com eles, bem alimentado, em paz com a sua consciência...

FREI — Calabar traiu...

BÁRBARA — Para se ver o traidor é preciso mostrar a coisa traída.

CONSULTOR(para Nassau) — Conde... Acabo de receber instruções. E temo que não sejam agradáveis.

NASSAU — Entre medos e coragem,
Entre ansiedades e náuseas,

Entre fidalgo e corsário,
Governante ou mercenário.

BÁRBARA (para o Frei) — E Calabar?

CONSULTOR (para Nassau) — Como?

NASSAU — Nada.

FREI (para Bárbara) — Calabar é um assunto encerrado. Apenas um nome. Um verbete. E quem disser o contrário atenta contra a segurança do Estado e contra as suas razões. Por isso o Estado deve usar do seu poder para o calar. Porque o que importa não é a verdade intrínseca das coisas, mas a maneira como elas vão ser contadas ao povo.

CONSULTOR (para Nassau) — Como representante da Companhia das Índias e dos Estados Gerais, queria anunciar-lhe oficialmente...

NASSAU — Alguma vez você sentiu que o teu destino é tão grandioso, tão dependente dos teus gestos e ações, tão maior que o dos outros homens, que chega a assustar e ao mesmo tempo, te dá uma sensação intensa de um prazer indefinível, que você chega a pensar que tudo não é mais que um acesso passageiro de megalomania? Alguma vez? E depois, isso se repete, se torna o teu cotidiano e você passa a acreditar nele como o sentido maior da tua própria vida... (sori). Até que um dia você descobre que nada está escrito a não ser nas tuas próprias ilusões e que o caminho que parecia irreversível deu um nó com você lá dentro.

FREI (para Bárbara) — Se você quiser se confessar, eu a espero amanhã.

BÁRBARA — Não, Padre, não quero.

CONSULTOR (para Nassau) — Eu apenas cumpro o dever.

NASSAU — E depois fica tudo amargamente claro. Sabe de uma coisa? Eu até tinha um certo desprezo por você. Ainda agora nem sempre sei o seu nome... Mas agora eu sei que também sou um homem de corredores. Das portas que se abrem para outros corredores e dos corredores que dão para novas portas. Sempre dentro do palácio.

CONSULTOR — A sua gestão...

NASSAU — Foi um fracasso.

CONSULTOR — O orçamento...

NASSAU — Estourou...

CONSULTOR — Acusam mesmo Vossa Senhoria...

NASSAU — De botar a mão nos cofres do Estado. E não vou negar.

CONSULTOR — Ou Vossa Senhoria renuncia...

NASSAU — Ou?...

CONSULTOR — Existem precedentes de sanções mais graves e definitivas.

NASSAU — Sei que falhei e sei também que fui bem sucedido. Sei que me equilibrei na corda bamba, sorri para todos os lados, disse sim e fiz não, pendurado num vice-versa a que me dava direito a condição de político e comandante. Tudo por causas nobres, imensas, na escala do futuro. Fiz tudo isso com orgulho, sem medo de julgamentos ou críticas, porque dentro de mim eu tinha uma meta que nada me impediria de alcançar. E agora, constato que tudo, mesmo aquilo de que ainda me orgulho, pode ser classificado de traição. O resto foram apenas salamaleques. Mas orgulhoso, indiferente e cético, mesmo assim eu sei do meu fracasso. E o mais engraçado, o que me faz rir

a bandeiras despregadas, é que não me importo... (mais sério do que nunca, põe-se a cantar).

*Parque esta terra ainda vai cumprir seu
[ideal,
Ainda vai tornar-se um imenso canavial...*

BÁRBARA AVANÇA UM PASSO.

BÁRBARA — Um dia este país há de ser independente. Dos holandeses, dos espanhóis, portugueses... Um dia todos os países poderão ser independentes, seja lá do que for. Mas isso requer muito traidor! Muito Calabar. E não basta enforçar, retalhar, picar... Calabar não morre. Calabar é cobra de vidro. E o povo jura que o cobra de vidro é uma espécie de lagarto que quando se corta em dois, três, mil pedaços, facilmente se refaz.

BÁRBARA CÔMEÇA A CANTAR COBRA DE VIDRO

*Aos quatro cantos o seu corpo
Partido, banido.
Aos quatro ventos os seus quartos,
Seus cacos de vidro.
O seu veneno incomodando
A tua honra, o teu verão.
(com coro) Presta atenção!
Presta atenção!*

*Aos quatro cantos suas tripas
De graça, de sobra.
Aos quatro ventos, os seus quartos,
Seus cacos de cobra.
O seu veneno arruinando
A tua filha e plantação.
(com coro) Presta atenção!
Presta atenção!*

*Aos quatro cantos seus ganidos,
Seu grito medonho.
Aos quatro ventos os seus quartos,
Seus cacos de sonho.
O seu veneno temperando
A tua veia e o teu feijão.
(coro) Presta atenção!
Presta atenção!
Presta atenção!
Presta atenção!*

ILUMINAÇÃO PARA A FESTA DE ADEUS. FAIXAS DE SAUDAÇÕES DOS COMERCIANTES LOCAIS, JUDEUS, ETC... MULHERES VISTOSAS, PAPAGAIO, NEGROS COM BOINAS E TELAS DE PINTOR RENASCENTISTA, ÍNDIOS ESPECULANDO EM VOLTA DE UMA LUNETAS. NASSAU NO ALTO DA PONTE.

NASSAU — Eu sou Maurício de Nassau, o Brasileiro. E parto levando uma fatia do Brasil dentro das minhas tripas... E daqui em diante, eu falo para a história. Escrivão! Onde diabo se meteu o escrivão?

ESCRIVÃO — Sim, Excelência!

NASSAU — Anote nos autos... (pausa) Quando pisei estas terras, pisei fofo e pisei firme...

CONSULTOR — É preferível redigir um texto formal.

NASSAU — Tem razão! (solene)
Cheguei, vi, amei e construí. E em poucos anos eu fiz o princípio do futuro. Novos horizontes...

ESCRIVÃO (emocionado) — Alteza, se me permite exprimir o meu sentimento...

CONSULTOR — Silêncio! Escrivão não sente. De agora em diante, neste Brasil holandês, escrivão escreve. Assim como estudante estuda, cantor canta, ator atua, etc, etc, etc...

NASSAU — E se mais não me foi dado criar, é porque atrás de um homem de visão, há sempre no mesmo reino podre dez generais e mil burocratas. Um grande império e estreita mentalidade são maus companheiros. Eu continuo um homem de armas. E um humanista. E essa combinação é difícil em qualquer século. E porque conquistei, mas não fui cego no exercício do poder, porque das armas e da repressão não fiz a minha última paixão, dizem agora que errei. A mesma Companhia que me trouxe, me leva. Talvez as mesmas intrigas. E porque nem tudo o que fiz cabe nos seus cofres, e nem todos esses horizontes...

ESCRIVÃO — Bonito...

NASSAU — ... foram trocados em florins... Que importa. Parto sem rancores e sem ódios, nos meus olhos gravadas estas paisagens, nas narinas estes cheiros adocidados, na minha língua enroladas estas palavras nativas. O meu castigo maior vai ser o de falar para as paredes da Europa frases que ninguém pode entender. Mas dessa solidão será também feita a minha glória. E quando entre as pás dos moinhos de vento, quando no gelo dos invernos ou na fumaça das fábricas de arenque eu disser goiaba, xavante, dendê, jacarandá, tatu, tatu-bola, eu terei mais vivo o sentimento da minha obra, e mais cruel e exato o sentimento da minha singularidade. Parte Maurício de Nassau. E com ele a possibilidade de um Brasil holandês. Adeus, amigos.

FREI (para a multidão) — Tenham fé, irmãos. O que é bom para a Holanda é bom pro Brasil!

BÁRBARA (para o público) — Esperais um epílogo do que vos disse até agora? Estou lendo em vos-

sas fisionomias. Mas sois verdadeiramente tolos se imaginais que eu tenha podido reter de memória toda essa mistura de palavras que vos impingi. A História é uma colcha de retalhos. Em lugar de epílogo, quero vos oferecer uma sentença: odeio o ouvinte de memória fiel demais. Por isso, sede sãos, aplaudi, vivei, bebei, traí, oh celebérrimos iniciados nos mistérios da traição.

O ELENCO CANTA "O ELOGIO DA TRAIÇÃO"

*O que é bom pra Holanda é bom pro Brasil
O que é bom pra Luanda é bom pro Brasil
O que é bom pra Espanha é bom pro Brasil
O que é bom pra Alemanha é bom pro Brasil
O que é bom pro Japão é bom pro Brasil
O que é bom pro Gabão é bom pro Brasil*

*O que é bom pro galego é bom pro Brasil
O que é bom pro grego é bom pro Brasil
O que é bom pra troiano é bom pro Brasil
O que é bom pra baiano é bom pro Brasil
O que é bom pra inglês é bom pro Brasil
O que é bom pra vocês é bom pro Brasil*

*O que é bom pra mamãe é bom pro Brasil
O que é bom pro neném é bom pro Brasil
O que é bom pra fulano é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil
O que é bom pra (.....) é bom pro Brasil*

ATÉ BAIXAR O PANO.

BIBLIOGRAFIA HISTÓRICA

- P. A. VARNHAGEN — Os Holandeses no Brasil — Ed. Cultura, 1943
- C. R. BOXER — Os Holandeses no Brasil — Cia. Ed. Nacional (Brasiliana), 1961
- J. A. GONÇALVES DE MELLO — D. Antonio Filipe Camarão — Universidade do Recife, 1954
- J. A. GONÇALVES DE MELLO — Henrique Dias — Universidade do Recife, 1954
- FREI MANOEL CALADO — O Valeroso Lucideno (2 vols) — Ed. Cultura, 1954
- GONÇALVES DE MELLO NETO — Tempo dos Flamengos — Ed. José Olympio 1947
- NETSCHER — *Les Hollandais au Brésil* — La Haye, Belinfantes Frères Editeurs, 1853
- HERMANN NATJEN — O Domínio Colonial Holandês no Brasil Brasiliana, 1938.
- JOSÉ HORÓRIO RODRIGUES e JOAQUIM RIBEIRO — Civilização Holandesa no Brasil — Cie. Ed. Nacional (Brasiliana), 1940

coleção teatro hoje

SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME

Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar

LIBERDADE, LIBERDADE

Flávio Rangel e Millôr Fernandes

O SANTO INQUÉRITO

Dias Gomes

O SR. PUNTILLA E SEU CRIADO MATTI

Bertolt Brecht

ÉDIPO REI

Sófocles

BERTOLT BRECHT

Paolo Chiarini

O PAGADOR DE PROMESSAS

Dias Gomes

TEATRO DIALÉTICO

Bertolt Brecht

TEATRO POLÍTICO

Erwin Piscator

O TEATRO DE MEYERHOLD

SENHORA NA BÔCA DO LIXO

Jorge Andrade

TEATRO DE DIAS GOMES

ANTÍGONA

Sófocles

O BALCÃO

Jean Genet

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Constantin Stanislavski

SENHORITA JÚLIA — O PAI

John Strindberg

ANJOS ASSASSINOS ..

Conor Cruise O'Brien

MACBETH

William Shakespeare

EM BUSCA DE UM TEATRO POBRE

Grotowsky

UBU REI

Alfred Jarry

A CRIAÇÃO DO PAPEL

Constantin Stanislavski

TEATRO DE PIRANDELLO — SEIS PERSONAGENS A
PROCURA DE UM AUTOR — LIOLÁ

Luigi Pirandello

MEDÉIA

Eurípedes

CALABAR, O ELOGIO DA TRAIÇÃO

Chico Buarque e Ruy Guerra